



**Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Escola de Serviço Social**

**FORMAÇÃO POLÍTICA E HUMANA:
Uma reflexão sobre experimentos formativos voltados para
Movimentos Sociais – o Curso Teorias Sociais e Produção de
Conhecimento**

Sheila de Castro Soares

**Rio de Janeiro
2008**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Sheila de Castro Soares

FORMAÇÃO POLÍTICA E HUMANA:

Uma reflexão sobre experimentos formativos voltados para movimentos sociais - o
Curso Teorias Sociais e Produção de Conhecimento

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola de Serviço Social da Universidade Federal do
Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários
a obtenção da graduação em Serviço Social.

Orientadora: Professora Dr^a Maria Lúcia Souza da
Silveira

Rio de Janeiro

2008

Dedico este trabalho às Marias, aos Joãos, aos muitos nomes e rostos de todos aqueles que questionam o inquestionável e que, de alguma forma se recusam a aceitar as desigualdades existentes e naturalizadas. Em especial, a aqueles que debaixo das lonas, nas ocupações, nas passeatas, resistem mesmo quando a vitória parece distante, acreditando que outro mundo é possível.

Formação Política e Humana:

Uma reflexão sobre experimentos formativos voltados para movimentos sociais - o
Curso Teorias Sociais e Produção de Conhecimento

Sheila de Castro Soares

Prof^a Dr^a Maria Lídia Souza da Silveira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Serviço Social da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à
obtenção da graduação em Serviço Social.

Banca examinadora:

Presidente: Prof^a Dr^a Maria Lídia Souza da Silveira

Prof. Luis Acosta Acosta

Prof^a Mariléa Venâncio Porfírio

Rio de Janeiro

2008

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo problematizar sobre a importância dos cursos de formação política para movimentos sociais, a partir de uma experiência formativa específica – o curso Teorias Sociais e Produção de Conhecimento. A partir da inserção no projeto de pesquisa e extensão intitulado “Processos formativos para movimentos sociais no âmbito do CFCH: curso Teorias Sociais e Produção de Conhecimento”, que possibilitou o contato com o curso em questão, buscou-se analisar a importância da formação política para movimentos sociais como elemento importante no seu processo de organização.

Desta forma, pretende-se verificar neste trabalho a hipótese de que os cursos de formação política conformam um espaço de reflexão crítica e propiciador de processos de consciência. Para esta compreensão é necessário definir quem são os sujeitos envolvidos neste processo. Por esta razão, em um primeiro momento busco verificar como se configuram os movimentos sociais hoje, o que vai ser também determinado pelo contexto econômico e político, já que tais alterações refletem na organização da própria classe trabalhadora.

A problematização deste contexto é aqui compreendida como elemento fundamental, na medida em que aponta a conjuntura na qual se realizam os cursos de formação política e sugerem os impasses enfrentados para a realização destes experimentos formativos, sobretudo nas próprias universidades, espaços onde ocorrem a grande maioria dos trabalhos de formação.

O papel das universidades públicas neste contexto é considerado, pois além de ser o local onde acontecem os referidos cursos, são também onde surgem as primeiras resistências para a efetivação destas iniciativas. Temos hoje universidades elitizadas, voltadas para um modelo de ensino superior mercantilizado que reproduz valores da classe dominante. Por esta razão, discute-se a verdadeira função social da universidade, tendo em vista que iniciativas que contestam a lógica capitalista são criticadas, e experimentos formativos voltados para movimentos sociais são vistos como uso indevido do espaço público acadêmico.

Partindo da compreensão de que esta interação com os movimentos sociais possibilite uma formação acadêmica mais rica e próxima da realidade social, entende-se que, além de ser um processo importante para os movimentos sociais, os cursos de formação criam também um espaço de debate crítico no interior das universidades.

O curso Teorias Sociais e Produção de Conhecimento, por ser o campo empírico para este trabalho, é apresentado em sua proposta, público-alvo e estrutura organizativa, assim como o trabalho realizado enquanto bolsista do referido projeto de pesquisa e extensão que buscou construir a memória desta experiência formativa, através de fotografias, filmagens e entrevistas com os participantes do curso.

Através da articulação destas entrevistas realizadas com o campo teórico desenvolvido ao longo do trabalho, buscou-se analisar a compreensão dos militantes acerca da formação e seus reflexos na prática política. As diversas dimensões de subjetividade envolvidas neste processo vão determinar a visão dos sujeitos sobre sua própria militância, assim como reconhecer os processos de consciência percorridos de forma singular por cada indivíduo.

Entende-se que a subjetividade determina a visão de mundo de cada sujeito a partir de elementos que ele traz consigo e da relação destes com o externo, e por esta razão, acredita-se que o acesso a teoria crítica e diversos conteúdos fornecidos pelos cursos de formação política possibilite elaborar sobre a realidade e suas contradições, permitindo re-elaborar a própria subjetividade a partir da intervenção no real. Ainda, acredita-se também que experimentos de formação trazem referenciais de identificação de classe, possibilitando que sejam alcançados pelos trabalhadores novos patamares de consciência, que busquem uma transformação efetiva da sociedade.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
Capítulo 1 – Movimentos Sociais e Processos de Formação Humana..	15
1.1 – O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – MST.....	17
1.2 - Formação e Processos de Subjetivação.....	21
1.3 – Curso Teorias Sociais e Produção de Conhecimento.....	23
1.4 - Dois Outros Experimentos de Formação em Universidades.....	30
1.4.1 - Curso Realidade Brasileira.....	30
1.4.2 - Curso Lato senso em Economia Política.....	31
1.5 - Pequena Memória de uma Experiência Formativa.....	32
Capítulo 2 – O Contexto sócio-político-econômico e a atualidade da classe trabalhadora.....	36
2.1 – Novas configurações no mundo do trabalho e seus reflexos na classe trabalhadora.....	38
2.2 - O papel das universidades e os impasses enfrentados.....	42
Capítulo 3 - – Um olhar sobre as práticas formativas desenvolvidas no interior do Curso Teorias Sociais e Produção de Conhecimento.....	50
3.1 – Pequena imersão sobre o cotidiano do curso.....	50
3.2 – A experiência formativa pela ótica dos militantes.....	55
3.3 - Da experiência de elaborar sínteses e produzir um certo conhecimento.....	67
Considerações finais.....	69
Referências	72
Anexos.....	74

AGRADECIMENTOS

À Maria Lídia, por toda a sua dedicação e paciência. Minha admiração, mais do que profissional, é pela pessoa comprometida que por tantas e tantas vezes abdica de si em prol de sua dedicação aos muitos projetos que apontam para a luta por outra sociedade. Obrigada por me mostrar que ainda existem profissionais realmente comprometidos com outro projeto societário e principalmente, por acreditar em mim, mesmo quando desacreditei.

À minha mãe, meu “porto seguro”, que mesmo com tantas vezes em que nos desentendemos, ainda assim nunca deixou de cuidar de mim sendo apoio fundamental nesta jornada acadêmica o tempo inteiro. Obrigada por você existir.

Ao meu irmão, pelo esforço de compreender as madrugadas com luzes acesas e barulhos de digitação dos muitos trabalhos...

Ao Roberto, “meu eterno companheiro, único e inigualável”. Apesar de tudo, é pessoa fundamental na configuração de um novo sentido à minha formação acadêmica, me mostrando que esta passagem na universidade poderia me transformar em uma nova pessoa. Reconheço que sem ele, eu não seria quem sou hoje, e por isso “meu carinho e admiração por você será eterno, com certeza”...

À Vó Amélia, por tudo que fez por mim até hoje, e por tudo que sei que ainda gostaria de fazer. Não teria como demonstrar por palavras o carinho que sinto e para agradecer suas ações.

às pessoas que conheci durante este caminho e que hoje são parte da minha vida: Nanda, Cici, Morena e Mary. Mas do que futuras colegas de trabalho, se tornaram companheiras de diversão, apoio para momentos difíceis, companheiras de militância... Ou seja, companheiras para toda vida.

A Aninha, por todo suporte, pela sua boa vontade a todo momento para ajudar, e por todo apoio e carinho.

À Juju, uma das pessoas mais especiais que tive a oportunidade de esbarrar nesse caminho, por sonhar sonhos possíveis ao meu lado, e se tornar também o “tesouro que encontrei sem garimpar”.

Ao Felipe, meu amigo/irmão, por compartilhar dilemas, dúvidas, alegrias, insanidades, angústias, pressões, enfim, por ter sido/ser peça fundamental para estar aqui hoje.

Aos professores que demonstram paixão e dedicação ao trabalho e que puderam compartilhar seus conhecimentos comigo. Agradeço em especial aos professores(as) Maristela, Marileia Porfírio, Fátima Cabral, Marildo, Lília, Luis Acosta e Ana Izabel, por além de serem verdadeiros mestres são capazes também de compreender situações adversas considerando que temos outras preocupações além das acadêmicas.

Aos amigos que de diversas formas e em diferentes momentos contribuíram para que hoje eu estivesse aqui: Puppy, Fefa, Márvio, Nanda, Nath, Ilana, Ratão, Pedro, Renata, Sarah e Perninha. Obrigada a todos!

As “princesas da Wizard” – por acompanharem minhas angústias e ansiedades para a conclusão deste trabalho e ter dado muito apoio.

Aos alunos do Curso Teorias Sociais e Produção e Conhecimento por oportunizar este trabalho e pela boa vontade e auxílio. A aproximação foi tanta que hoje sinto saudades de muitos militantes e lamento pela distância. Mas esta experiência ficará registrada para sempre na minha memória.

Introdução

A partir do trabalho desenvolvido no interior do projeto de pesquisa e extensão “Processos formativos para movimentos sociais no âmbito do CFCH: Curso Teorias Sociais e Produção de Conhecimento”, tive a oportunidade de também ter contato com o Curso Teorias Sociais e Produção de Conhecimento – um curso de formação política para movimentos sociais – que possibilitou um espaço para que eu levantasse diversos questionamentos: O que motiva a luta dos trabalhadores? A luta por outra sociedade? O sentimento de indignação diante das desigualdades e injustiças presenciadas ao longo de sua vida, contra si e mesmo e seus semelhantes?

Razões e motivações para a resistência são diversas, e sobretudo, subjetivas. No entanto, no percorrer desta jornada acadêmica, principalmente após meu ingresso no projeto de pesquisa e extensão que originou a escolha deste tema, pude notar que, por mais que fossem diversas as razões que levem indivíduos a se tornarem sujeitos da sua própria história, a transformarem sua vida em uma trajetória de lutas, a causa do surgimento destas motivações, a raiz tende a ser a mesma: as injustiças e desigualdades sociais, políticas e econômicas, que tem sua origem na contradição capital x trabalho.

Por esta razão, compreendo que é de suma importância entender as causas destes problemas e ainda a forma como a sociedade se organiza gerando a existência de exploradores e explorados. Vivenciar desigualdades, pertencer à

classe trabalhadora, ou até mesmo fazer parte de um movimento social não determina uma consciência de classe. O sujeito militante, que pretenda dar um sentido efetivo a sua prática política, precisa tê-la de forma fundamentada à luz de uma teoria que permita compreender a realidade e os processos históricos, entendendo assim a dinâmica que movimenta a realidade.

O objeto deste trabalho, o curso Teorias Sociais e Produção de Conhecimento, é um curso de formação teórica e política, surgido a partir de uma demanda do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, que se concretiza através de convênio entre a Escola Nacional Florestan Fernandes (do MST) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro, através do Núcleo de Estudos de Políticas em Direitos Humanos / Centro de Filosofias e Ciências Humanas, em parceria com a Escola de Serviço Social da UFRJ.

A motivação para a escolha deste tema partiu da participação nas atividades extensionistas mencionadas anteriormente. O trabalho desenvolvido possibilitou, além da convivência com sujeitos com grande riqueza de vida e de lutas, tomar conhecimento de iniciativas como o curso mencionado, e também experiências semelhantes.

O contato com este experimento formativo permitiu compreender a importância da formação política para movimentos sociais, elemento importante no seu processo de organização. Desta forma, para desenvolver este trabalho partirei da problematização deste curso de formação política, tendo como hipótese a de que este contribui como um espaço de reflexão crítica e propiciador de processos de consciência.

Para a sua elaboração, a metodologia utilizada consistiu em levantamento bibliográfico sobre a temática em questão, que fornecesse elementos teóricos para suporte das categorias centrais relevantes para a análise do objeto trabalhado. Serão utilizadas também como suporte de análise as entrevistas realizadas com os alunos/militantes do curso.

Outro dado a ser utilizado será o material documentado no interior do projeto referente a outras experiências formativas que ocorrem em universidades distintas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tanto na conformação teórica quanto no seu reconhecimento no âmbito da realidade investigada, assim como as ementas destes cursos, principalmente do Curso Teorias Sociais e Produção de Conhecimento.

Percorrendo este caminho, no primeiro capítulo deste trabalho pretendo problematizar brevemente a importância da formação política para os movimentos sociais, considerando os aspectos subjetivos e os processos de consciência que estão contidos neste universo. Afinal, ao tratar de formação política, devemos considerar que formam-se também sujeitos que trazem em si valores e pensares diversos. Ao se reconhecer enquanto grupo, o sujeito pode conseguir ultrapassar o aspecto individual que é reforçado a todo momento pela sociedade capitalista, e desta forma, também elaborar uma consciência com a marca das questões coletivas. O campo empírico deste trabalho consiste essencialmente no trabalho de formação política para movimentos sociais, materializado através do Curso Teorias Sociais e Produção de Conhecimento que, conforme mencionado integra as atividades do projeto de pesquisa e extensão do qual participei no interior da UFRJ, e que me permitiu também ter contato com trabalhos formativos desenvolvidos no

interior de outras Universidades.(Universidade Federal Fluminense e Universidade Federal do Espírito Santo). Sobre estas universidades, apresentarei de forma bem sucinta as experiências desenvolvidas, apenas para exemplificar e reforçar o objetivo central deste trabalho. Já em relação ao Curso Teorias Sociais, precisarei sua proposta, metodologia, histórico, e o material produzido através deste contato. No entanto a análise propriamente dita deste material será feita no interior do terceiro capítulo.

No segundo capítulo, o foco será o papel das universidades públicas, contexto no qual ocorrem a maioria dos cursos de formação. É fundamental destacar a relevância da utilização da universidade para estas iniciativas, pois possibilita uma democratização do acesso ao saber para estes sujeitos, especialmente porque a maioria de suas trajetórias sempre esteve à margem do conhecimento socialmente produzido. Desta forma, a universidade cumpre sua função social, além de criar um espaço de reflexão crítica que se contrapõe à lógica atual, voltada para a perspectiva do mercado, presente hoje na maioria das universidades.

Contudo, para discorrer acerca desta temática, é necessário considerar a conjuntura em que estes cursos se realizam, e principalmente suas implicações. Os movimentos sociais hoje conforme aponta Larangeira (1990), ao recorrer a outros autores, não tem tido efetividade para realizar mudanças nas estruturas formais e instituições de dominação, devido a posição de defensividade que vem assumindo na atualidade. Movimentos que antes tinham uma postura ofensiva, hoje apresentam uma nova configuração na sua organização, assumindo uma postura defensiva.

Além disso, observamos que a forma como a mídia trata os movimentos sociais hoje, onde as ações organizadas pelos mesmos são abordadas como atos de vandalismo, ou prejudiciais ao “bem coletivo” da sociedade constroem para estes movimentos uma concepção que os coloca em oposição à sociedade, criminalizando-os. Através desta criminalização, as organizações de classe perdem força, e neste momento de refluxo, têm-se poucas expressões de movimentos que se mantiveram em sua luta.

Ainda no segundo capítulo, continuando esta abordagem sobre a conjuntura presente, problematizo o contexto político e econômico, elementos essenciais para a compreensão de como os movimentos sociais se organizam hoje. Não basta apenas entender a estrutura organizativa dos movimentos, ou os trabalhos de educação desenvolvidos pelos mesmos. Há uma série de fatores que determinam e (re)configuram os movimentos sociais hoje. Neste caso, não me refiro ao chamados “novos movimentos sociais”, mas sim aos movimentos sociais em geral, colocando em debate a existência de seu caráter de classe.

No terceiro e último capítulo, desenvolvo uma análise a partir do trabalho de investigação da experiência do curso Teorias Sociais e da inserção pessoal no projeto de pesquisa e extensão a ele referente. No interior deste projeto, os bolsistas além de contribuírem na organização do Curso Teorias Sociais, também buscaram construir uma memória deste curso, com o sentido de que esta experiência pudesse ser apropriada por outros indivíduos e que servisse de referencial para experiências futuras.

O material produzido a partir deste trabalho da memória, além de filmagens e fotografias, contemplou também entrevistas com os alunos do curso, militantes de diversos movimentos sociais. Através destas entrevistas, foi possível notar a relevância do trabalho de formação pela ótica dos próprios militantes, a partir de seus depoimentos sobre o curso. Com este material, e me utilizando das categorias centrais que se fizeram presentes nas respostas dadas nestas entrevistas, analisei elementos desta experiência formativa, enfatizando sua relevância pelos que dela participaram.

Pretendo com este trabalho problematizar a idéia de que experimentos formativos têm o potencial de contribuir de forma efetiva para o reconhecimento de sujeitos enquanto parte de um coletivo, criando espaços propícios para a elaboração de uma consciência crítica, que impulse o desejo por uma nova sociedade.

1 – Movimentos Sociais e processos de formação humana

Discutir formação política para movimentos sociais implica compreender como se configura a própria categoria movimento social, categoria esta tão ampla e comumente debatida que, no entanto segundo Doimo (1995:37) é uma temática que tem passado por uma “transmutação de significados”. A autora aponta que a mesma categoria, antes mesmo da crise dos paradigmas surgida com o fim da URSS, já apontava sua capacidade de representar formas diversas de participação. Desde então, temos alguns movimentos que se colocam como movimentos populares, englobando todos os sujeitos que são considerados “povo”, perdendo assim seu de corte de classe, já que não se diferenciam das classes dominantes.

Em sua definição clássica, movimentos sociais representam um coletivo, que a partir de lutas específicas de alguma forma colocam em questão a ordem capitalista, buscando transformações sociais. Na atualidade há uma presença menos expressiva de movimentos sociais, especialmente os que buscam mudanças na estrutura da sociedade. Este fato pode ser compreendido parcialmente a partir da crise do socialismo real, que gerou um sentimento de derrotismo, o que propiciou uma nova roupagem para as lutas sociais, através de reformas dentro da ordem. De alguma forma as referências mais gerais para uma outra sociabilidade se fragilizaram.

Neste cenário o Estado passa a ser um aliado e deixa de ser um inimigo a ser enfrentado, pois será o grande responsável pela promoção das reformas. Significa dizer que esta nova configuração dos movimentos sociais – chamados de “novos

movimentos sociais” - , tendem a se restringir a lutas específicas, se distanciando de um grau de universalidade ou de perspectivas de mudanças substantivas na ordem vigente. A constatação da retração de movimentos sociais que apresentam dimensões de mudanças mais amplas não significa que devam ser desconsiderados aqueles que atuam em um campo mais particular. As lutas específicas possuem relevância, movimentos como os raciais, feministas, GLBTTS, dentre outros, são responsáveis por grandes conquistas significativas para a sociedade. Desta forma, não podemos desqualificar estes movimentos até mesmo porque alguns destes compreendem que a causa de suas lutas são reflexos da forma com que a sociedade se organiza, como é o caso do Movimento das Ocupações Urbanas no Rio de Janeiro. Contudo, a não vinculação da alteração da condição que motiva determinada luta específica, a uma luta mais ampla por alterações estruturais na sociedade, pode gerar dificuldades de mobilizações e até mesmo de resultados mais efetivos.

Muitos destes movimentos acabam se distanciando do ponto crucial e determinante de diversas questões que predominam na conformação da sociedade, ao não vincular a necessidade de transformação da cultura vigente e hegemônica a base material da sociedade capitalista. Significa dizer que os movimentos que se limitam as suas causas, podem acabar limitados a reformas, não atuando diretamente na transformação da ordem.

A base desta divisão entre novos movimentos sociais e os tradicionais está na concepção de Estado adotada. Para Gramsci, o Estado se divide em sociedade política e civil; a sociedade política englobaria as esferas governamentais; a sociedade civil seria todo o restante, desde as instituições tradicionais como igreja e

escola, até ONG's, a classe trabalhadora, e também associações burguesas, ou seja, um espaço de interesses contraditórios.

Fica evidente que assumir uma postura de enfrentamento do Estado é um elemento fundamental, na medida em que entendemos o Estado como eixo central na manutenção da sociedade burguesa. Desta maneira, é necessário criar novas vias através de uma nova cultura. Neste ponto, os movimentos sociais podem ter esta concepção entendendo-a como possibilidade de criação de novos espaços para os interesses da classe trabalhadora. Um movimento que possua um corte de classe, ao criar outros caminhos alternativos, isto é, seus próprios espaços educacionais, formativos, tem a perspectiva de criar espaços de classe.

1.1 – O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – MST

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – o MST, tem investido nesta idéia de construção de seus espaços formativos, pois além de ser iniciativa deste movimento a proposta dos cursos de formação política que ocorrem em muitas universidades de todo o país, como é o caso do Curso Teorias Sociais e Produção de Conhecimento, os Sem-Terra também investem nos seus próprios espaços, suas escolas de formação, como é o caso da Escola Nacional Florestan Fernandes; e ainda investem na formação de seus professores.

O MST busca a combinação da luta pela terra e pela educação visando produzir um novo homem. Luta pela conquista de benefícios sociais e defesa dos direitos, para isso busca transformar as estruturas da sociedade capitalista. O movimento surgiu em janeiro de 1984 com o 1º Encontro Nacional de Trabalhadores

Rurais Sem Terras (ENTERST) realizado em Cascavel – PR. Os trabalhadores rurais decidiram se articular nacionalmente em defesa da conquista da terra.

Os trabalhadores sem-terra podem ser considerados todos aqueles que lutam pela reforma agrária, são pessoas que possuem sua origem no campo e que dele tiram o sustento, e muitos que também são obrigados a deixá-los resultado dos processos de expansão do capital que afetam duramente os pequenos agricultores.

Em seus princípios educacionais e formativos o MST busca a educação para todos, porém uma educação que vise construir um projeto político da classe trabalhadora, e o fortalecimento do poder popular. Conforme coloca o próprio movimento,

Em sentido amplo, podemos dizer que a educação é um dos processos de formação da pessoa humana. Processo através do qual as pessoas se inserem numa determinada sociedade, transformando-se e transformando esta sociedade. Por isso ela está sempre ligada com um determinado projeto político e com uma concepção de mundo. (Caderno de Educação nº 8, 1999:5).

Tanto na utilização dos espaços tradicionais, como naqueles construídos pelos próprios movimentos, fica evidente que o ponto fundamental é a construção de uma nova racionalidade, para aqueles movimentos que se propõem a ter em seus quadros militantes com uma prática fundamentada e comprometida com a transformação social. O investimento em formação política implica sobretudo em formação de sujeitos, já que é um investimento em uma nova consciência.

Quando se refere à formação política, a compreensão que é decorrente é a de que se trata também de formar novos indivíduos, o que o MST chama como “homem novo”. A formação política teria esse potencial de elevação da consciência,

no reconhecimento de um interesse comum. Segundo Iasi (2007), seria a passagem do individual para o coletivo, do “eu para o nós”. No entanto, este processo não é linear: o sujeito traz em si variadas concepções de mundo, além de elementos do meio em que vive interiorizados o tempo inteiro, fazendo com que absorvam valores da classe dominante reproduzidos na sociedade, como se estes valores fossem os seus.

Partindo da formulação de Gramsci de que “todos os homens são filósofos” (1981:11), compreendemos que toda pessoa é capaz de elaborar suas concepções e compreensão de vida. No entanto, como aponta Gramsci,

Quando a concepção de mundo não é crítica e coerente, mas ocasional e desagregada, pertencemos simultaneamente a uma multiplicidade de homens-massa, nossa própria personalidade é composta de maneira bizarra: nela se encontram elementos dos homens das cavernas e princípios da ciência mais moderna e progressista; preconceitos de todas as fases históricas passadas, grosseiramente localistas, e intuições de uma futura filosofia que será própria do gênero humano mundialmente unificado. Criticar a própria concepção de mundo significa, portanto, torná-la utilitária e coerente e elevá-la até o ponto atingido pelo pensamento mundial mais desenvolvido. (1981:12).

Apesar dos homens se movimentarem no senso comum, com uma visão fragmentada, neste universo já há indícios de bom senso. O que se coloca como possibilidade é o trabalho e desenvolvimento do exercício desta formulação intelectual, visando ultrapassar este senso comum.

Estes universo contraditório, onde convivem elementos do senso comum e ao mesmo tempo indícios de um pensamento crítico aponta o que Iasi (2007) chama de

primeira forma de consciência. Neste estágio, os indivíduos tendem a criar um choque entre os valores interiorizados ao longo de sua vida e as novas relações vividas, que tem o mesmo potencial de interiorização que as anteriores. Estas contradições vão gerar um conflito subjetivo, que pode levar até a revolta com as condições atuais de vida. No entanto, para que este estágio de consciência dê um salto, é necessário que esta insatisfação diante de uma condição dada seja compartilhada com outras pessoas, isto é, que haja um reconhecimento com um grupo, que este organize ações coletivas, para assim ser atingida a segunda forma de consciência. Segundo Iasi,

A ação coletiva coloca as relações vividas num novo patamar. Vislumbra-se a possibilidade de não apenas se revoltar contra as relações predeterminadas, mas de alterá-las. Questiona-se o caráter natural dessas relações e, portanto, de sua inevitabilidade. A ação dirige-se, então, à mobilização dos esforços do grupo no sentido de reivindicação, da exigência para que se mude a manifestação da injustiça.”(2007:29)

Este estágio de consciência possui um limite, que é a consciência em si, este limite é quando a luta não passa pela superação dessa ordem, quando a luta fica presa a própria luta. Sendo esta uma consciência reivindicatória a partir de uma organização, só uma nova consciência que pense a humanidade e reconheça a necessidade de superação do capitalismo para que assim se atinja o objetivo das lutas, que conformaria uma consciência de classe.

Conforme dito, este caminho é muito complicado, pois acima de tudo envolve questões subjetivas. Cada sujeito interpreta e vive este percurso de diferentes formas, até mesmo porque em um mesmo grupo, neste caso, em um mesmo movimento social existem sujeitos em diferentes níveis de consciência. O próprio

MST, por exemplo, tem um grande investimento no trabalho formativo, que no entanto é deficiente no trabalho com as bases do movimento. Apesar desta deficiência, devemos reconhecer que mesmo com o trabalho de formação eficiente para todos os setores e militantes do movimento, ainda sim teríamos níveis de consciência diversos entre estes sujeitos, já que se tratando de pessoas, as condições subjetivas sempre são diferenciadas.

1.2 – Formação e processos de subjetivação

Segundo Cassab (2001), a subjetividade é construída a todo tempo, através das relações com o mundo e com os outros sujeitos. Seria o cruzamento de 2 níveis: aquilo que o sujeito traz consigo, e aquilo que é exterior a ele. No entanto, não existe uma separação entre o interno e o externo, ambos conformam uma interação dialética.

A subjetividade é produzida, e por isso se dá através das condições objetivas de vida de cada um. Neste sentido, engloba elementos do meio do indivíduo. A experiência de formação da dimensão subjetiva é única e confere rostos singulares a cada sujeito (Cassab, 2001:32).

Esta dimensão subjetiva é fundamental na compreensão da temática abordada neste trabalho, pois evidencia que apesar do trabalho de formação ser fundamental para uma ação política substantiva do militante, a forma como este vai se apropriar deste conteúdo é individual. A apropriação de uma teoria crítica não é para ser usada ou pensada em determinada situação, deve ser uma teoria que esteja presente na vida do sujeito, abrangendo os diversos campos da vida social.

As marcas profundas deixadas pelas formas de sociabilidade reproduzidas pela ordem hegemônica, ao se contraporem com uma nova racionalidade, através de uma compreensão crítica da realidade que a desnuda e expõe suas contradições, e que ao mesmo tempo propõe um novo projeto de sociedade, cria no indivíduo um confronto entre os valores da sociedade burguesa interiorizados ao longo de sua vida e estes novos elementos que propiciam uma nova visão do mundo, e conseqüentemente a compreensão de si como sujeito de sua própria história.

Na cultura presente na sociedade, onde cada um é responsável por si e pelo seu “progresso” pessoal, aquele que não atinge o padrão burguês de vida é considerado “incapaz” ou “acomodado”. Diante disto interioriza-se culpas, gera-se um conformismo, ou uma competição sem limites éticos e morais para atingir o tão sonhado padrão de vida burguês, mesmo que este padrão não seja adequado para a necessidade individual. Através de um forte domínio ideológico, o capitalismo define o que é necessário, estimula o consumo e para aqueles não podem consumir, cria mecanismos para que estes não se revoltem com a sua condição.

Vivendo neste universo tão complexo, o sujeito militante vivencia experiências que fornecem um espaço de questionamentos do modo de organização da sociedade e configuração das relações sociais, possibilitando pensar relações de igualdade, uma nova sociabilidade, que se choca com todos aqueles pontos mencionados anteriormente. Na medida em que estes trabalhadores tem acesso a instrumentos que desvendem a realidade tal como ela é imposta, eles tem a possibilidade de compreender os elementos que constituem a ordem vigente e os seus mecanismos de domínio ideológico. Conforme aponta Silveira,

(...)Neste processo, tendem a ser descortinados novos sentidos explicativos para o entorno social, bem como para as formas de constituição dos próprios sujeitos individuais, amalgamados majoritariamente, a partir dos referenciais valorativos próprios à ordem burguesa. Mais que resignificação dos acontecimentos, esta atividade de busca de deciframento da ordem social, conforma sentidos explicativos para cada um dos sujeitos instados a realizá-la. (2006:7e 8).

Desta forma, podemos notar que neste processo

Há uma tendência de produção de subjetivação nova. Assim, as atividades formativas, as interrogações postas na perspectiva de dar intelegibilidade à vida social, as interpelações postas às situações presentes no entorno social destes sujeitos-trabalhadores, implica numa atividade de buscar sentidos para os acontecimentos. (idem:8)

A formação também se faz importante para evitar que o sujeito seja cooptado, na medida em que a classe dominante possui um grande poder ideológico e uma série de aparelhos para manter sua hegemonia. Neste sentido, é de suma importância realizar este movimento de abstração, ou seja, recorrer à teoria para compreender a realidade. Deve-se ter a apropriação de uma teoria crítica que dê conta de promover o entendimento da sociedade. Somente a luta corporativa não tem capacidade fazer o trabalhador refletir sobre o mundo. Faz-se importante também, sobretudo, provocar a reflexão dos trabalhadores sobre a realidade, e sobre as possibilidades de transformação da sociedade. O lugar de classe somente não determina a consciência de classe. Por isso a importância dos trabalhos de formação, para que os sujeitos se reconheçam enquanto um coletivo, enquanto classe trabalhadora, para assim desenvolver sua consciência atingindo o patamar de uma consciência para si. A exemplificação deste trabalho de formação será

explicitado a seguir, a partir da apresentação do Curso Teorias Sociais e Produção de Conhecimento, experiência determinante e central deste trabalho.

1.3 - Curso Teorias Sociais e Produção de Conhecimento

O Curso de Teorias Sociais e Produção de Conhecimento é um curso de formação política, tendo como ênfase o estudo da História, da Filosofia, assim como da Política, Economia e da crítica da Cultura, aliados a produção do conhecimento dos participantes. Este curso teve início no primeiro semestre de 2004 (em fevereiro), e a primeira turma (Turma Apolônio de Carvalho) concluiu no primeiro semestre de 2006. A segunda turma (Rosa Luxemburgo) teve início em fevereiro de 2006, e em julho de 2008 concluiu a sexta e última etapa.

No total, somam 50 participantes por turma. Os alunos participantes do Curso são em maioria militantes do MST. Contudo, participaram também militantes organizados em outros movimentos sociais, tais como: Membros da Consulta Popular, membros da Comissão Pastoral da Terra (CPT), Trabalhadores Urbanos, Movimento dos Trabalhadores Desempregados (MTD), Grupo de Jovens da Periferia (Hip-Hop).

Composto de 5 módulos, o Curso contabiliza 2 anos e meio. A segunda turma se estendeu até o sexto módulo, por solicitação da mesma. São duas semanas de aulas intensivas, através de aulas expositivas ministradas por professores de diversas universidades, como: UFRJ, UERJ, UFF, UFRRJ, UFJF, PUC-SP, UNICAMP, USP, UFSE. São realizados também estudos em grupo no decorrer do curso, assim como sínteses individuais e coletivas dos temas estudados. O apoio de

construção na memória deste curso é feito por alunos da graduação da Escola de Serviço Social da UFRJ.

O curso é avaliado permanentemente, sempre ao final de cada módulo. Os participantes se organizam estruturalmente entre si em equipes para divisão de tarefas e estudos nos núcleos, de forma semelhante a outros curso do MST. Outro aspecto interessante do curso está nas atividades culturais. Sempre são realizados momentos de poesias, música, teatro, com conteúdo crítico, na tentativa de evitar a dissociação entre cultura e política. Estes momentos são chamados de místicas.

Os alunos são incentivados a produzirem conhecimento, conforme a proposta de formação e produção de saber do curso. Ao final da etapa, é apresentada uma monografia que tem como equipe de orientação professores de Serviço Social da UFRJ e de História da UFF, e alunos da pós-graduação da UERJ, DA UFRRJ, da Escola de Serviço Social e da Faculdade de Educação da UFRJ. Este trabalho visa estimular a reflexão dos conteúdos apreendidos e problematizados. As orientações para a monografia são realizadas coletiva e individualmente e, ao final de cada etapa e ao final do curso, é realizada uma avaliação em grupos além de socialização dos trabalhos produzidos. Silveira (2007), faz um esclarecimento geral acerca do curso:

Cabe ressaltar que o envolvimento, tanto dos professores como dos estudantes, neste curso dá-se de forma voluntária, decorrente do compromisso que têm com os movimentos sociais, em especial o MST, e o entendimento de que a socialização do conhecimento é uma tarefa que deve ser empreendida por todos aqueles que o entendem como um direito e não como um bem privado. O curso funciona com o apoio de uma equipe interdisciplinar e é montado a partir de diálogos entre o MST e a Universidade. É organizado em módulos e tem como produto final a elaboração de uma monografia pelos alunos. Durante os módulos são ministradas aulas expositivas pelos professores convidados e orientações

em grupo e individuais pelos monitores acadêmicos. As aulas têm o objetivo de apresentar e debater com os alunos um conteúdo previamente definido (Teoria Social, Teoria Política, Economia Política, História, dentre outros). As orientações acadêmicas têm o objetivo de contribuir com os alunos na elaboração do trabalho final do curso. Cabe ressaltar que entremendo as aulas e as orientações são desenvolvidas atividades políticas e culturais diversas organizadas pelos próprios militantes. (Silveira, 2007:4)

As linhas de investigação constituídas e que deram significado aos temas individuais são as de: Cultura e Consciência de Classe, Trabalho, Estado e Lutas Sociais, Filosofia da Práxis, Atualidade do capital e Processo de Transformação. Através destas linhas de pesquisas, os participantes do curso desenvolvem o trabalho final. Na grade de conteúdo constam às disciplinas¹:

- Construção da Dialética a partir da História da Filosofia:

Ementa: O objetivo desta disciplina é compreender a dialética ser e pensamento a partir dos seguintes autores: Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino, Descartes, Locke, Hegel e Marx.

- Formação do Estado Moderno I:

Ementa: O objetivo desta disciplina é compreender a formação do Estado Moderno a partir das vertentes absolutista e liberal através dos seguintes autores: Maquiavel, Hobbes, Locke, Rousseau, Hegel.

- Formação do Estado Moderno II:

Ementa: O objetivo desta disciplina é estudar a teoria política marxista. No primeiro momento o estudo estará centrado nos textos de Marx a partir de sua produção teórica, incluindo as lutas de classes na França e o 18 Brumário a fim de recuperar o

¹ Conteúdo extraído das grades de programação do curso.

conteúdo das classes a partir do processo da luta concreta, e o capítulo sobre a Mercadoria de O Capital a fim de recuperar o processo de constituição das relações sociais sob o domínio do capital. No segundo momento, o estudo estará centrado nos textos de Lênin e Gramsci, objetivando aprofundar a compreensão da relação existente entre Estado, Sociedade Civil e Revolução.

- Ideologia e Consciência Social:

Ementa: O objetivo desta disciplina é apreender o desenvolvimento histórico do conceito de ideologia, assim como sua expressão como fenômeno social, interferindo diretamente na formação da consciência social, incluindo sua relação com a alienação, a religião, a cultura e a construção de uma contra-hegemonia. O estudo estará centrado no conceito de Marx de ideologia, permitindo assim a compreensão das leituras realizadas por Lênin, Gramsci, Lukács e a Escola de Frankfurt, como também as leituras realizadas pelos autores atuais que fazem a discussão do conceito como Eagleton e Jameson. A relação entre ideologia e formação da consciência social será aprofundada a partir da leitura de Thompson.

- Teoria da Organização:

Ementa: Conhecer os processos históricos específicos onde surgem as teorias da organização, situando-as no interior do capitalismo central e periférico. Tratar do desenvolvimento histórico da teoria política da social democracia e da teoria revolucionária, bem como de suas respectivas formas organizativas e ações políticas em determinados períodos da história na Europa e na América Latina. Situar historicamente as diferentes experiências organizativas do século XIX e do século XX como o partido, os conselhos, as frentes, apontando para a dialética

existente entre a verticalidade e a horizontalidade do poder, para a política de alianças, para a formação de quadros e para a questão militar. Localizar o papel da ética na teoria da organização.

- Teoria da Organização - a questão do partido:

Ementa: Conhecer as principais correntes de pensamento da esquerda como o anarquismo, marxismo, leninismo, estalinismo, maoísmo, guevarismo e a história das Internacionais socialistas. Especificar o debate existente entre estas correntes (e suas conseqüências práticas) e a influência do positivismo. Aprofundar a análise no que diz respeito à relação existente entre partidos e movimentos sociais. Analisar a teoria da vanguarda, a arte da guerra, a questão militar e o processo de militarização atual, como também a relação existente entre ética e teoria da organização.

- Realidade Brasileira:

Ementa: Tratar do tema da Realidade Brasileira, recuperando autores como Caio Prado, Florestan Fernandes, Rui Mauro Marini. Tratar da relação existente entre a teoria da revolução e a realidade brasileira e latinoamericana. Conhecer a tradição conservadora brasileira explícita na concepção de Revolução Passiva.

- Imperialismo e os Desafios da Realidade atual:

Ementa: Tratar do tema do imperialismo desde seu surgimento no final do século XIX até os dias atuais, aprofundando os principais aspectos do seu desenvolvimento histórico. Especificar as conseqüências do imperialismo no campo da cultura e da arte, assim como sua interferência nas funções do Estado.

Aprofundar as formas de guerra que o imperialismo utiliza no processo de conquista dos povos e de destruição dos movimentos sociais e das organizações políticas.

O eixo central da proposta do curso se baseia na premissa de que a relação entre Universidade e Movimentos Sociais pode ser cada vez mais aprofundada, possibilitando que mais pessoas tenham acesso a conhecimento científico. Desta forma, cria-se a possibilidade de aproximação com segmentos sociais distanciados cada vez mais das esferas da vida social e da própria universidade, além de possibilitar uma democratização do conhecimento.

Partindo deste pressuposto, o curso possibilita a realização da função social da Universidade, criando um espaço amplo e plural, estabelecendo uma troca de saberes, tendo em vista que a universidade pode socializar os conhecimentos do quais é detentora. Parte-se da idéia de que todos os homens, nas suas experiências cotidianas são capazes de refletir e elaborar sobre a sua vida, projetando anseios e aspirações².

Há então uma relação dialógica entre universidade e sociedade, na qual a universidade se aproxima de segmentos sociais historicamente apartados da produção e acesso ao conhecimento, voltando suas ações para estes, enquanto que estes movimentos socializam a vivência de sua militância cotidiana.³ Neste sentido, a Universidade também aprende com a própria comunidade sobre os seus valores e cultura e nesta interação influencia e também é influenciada por estes setores da sociedade organizada.

Acredita-se que essa relação também tem sido relevante para os profissionais que ministram as disciplinas no Curso e até mesmo para aqueles que apenas tem

² Silveira, Maria Lídia Souza. Processos de consciência e construção de identidades coletivas em experimentos educativos de setores das classes subalternas. Projeto de Pesquisa e Extensão, UFRJ, 2005.

³ Idem.

contato com esta experiência. E também para as próprias Universidades, que devem estar abertas às novas demandas de grupos e movimentos da sociedade organizada.

Entende-se que o curso tem o potencial de formação humana e por isso contribui para uma leitura da sociedade e dos seus processos históricos, construindo novos conhecimentos e possibilitando que os sujeitos envolvidos qualifiquem seu protagonismo na história nos processos de lutas nos quais trabalhadores e militantes de movimentos sociais fazem parte e estão envolvidos.

1.4 – Dois outros experimentos de formação em universidades

*1.4.1 - Curso Realidade Brasileira*⁴

O Curso Realidade Brasileira realizado na Universidade Federal Fluminense é um curso de extensão que, assim como o Curso Teorias Sociais e Produção de Conhecimento, é também um curso de formação política voltado para movimentos sociais. O conteúdo do curso abrange o estudo da Filosofia, Economia Política, História e análise da realidade do Brasil contemporâneo.

Diferente do curso Teorias Sociais, o Curso Realidade Brasileira (RB) acontece nos fins de semana, por um período de aproximadamente 4 meses. E tem como objetivo incentivar a reflexão fundado em estudo que auxiliem no processo de lutas dos trabalhadores. Por ser um curso de extensão universitária, o curso RB

⁴ Conteúdo extraído da grade do curso.

também busca debater o papel da universidade pública e a democratização do conhecimento para os movimentos sociais.

Como o próprio nome do curso sugere um dos pontos centrais da proposta do curso está em problematizar a partir de diferentes análises da realidade brasileira debatendo a partir destas possibilidades, um projeto popular para o Brasil. Nesta perspectiva, busca-se elaborar estratégias de enfrentamento e resistência dos movimentos sociais e trabalhadores em geral no seu processo de organização na atualidade.

Ao final do curso, os alunos também elaboram um trabalho final, na medida em que a proposta do curso também sugere a produção de conhecimento. Este trabalho estará embasado nos temas tratados e conceitos principais a serem abordados no curso (Classes sociais, Capitalismo e Estado, etc.), em associação com os temas vivenciados pelos militantes em seu cotidiano. Desta forma, ao término do curso é feita uma síntese das reflexões construídas ao longo do curso.

1.4.2 - Curso de Lato Senso em Economia Política⁵

O curso de Pós-graduação Lato Senso em Economia Política foi propiciado por outro curso organizado pelo MST, o curso “Pedagogia da Terra” que originou o convênio com a UFES. O convênio é estabelecido entre o MST, a UFES e o PRONERA (financiador). O Curso Tem uma média de 45 alunos. A intencionalidade deste experimento está na possibilidade de diálogo com a universidade e a implementação

⁵ Conteúdo extraído de entrevista realizada por Maria Lídia de Souza da Silveira – Coordenadora da pesquisa e Sabrina Azeredo Ferreira – Bolsista FAPERJ, na quarta etapa do curso, de 19 a 27 de janeiro de 2008. Entrevistado: Joselma – Direção Estadual do MST.

de um conteúdo programático com um cunho mais político que ultrapasse a lógica do mercado.

Embora o público alvo deste experimento seja de militantes do MST, o curso também é aberto a militantes de outros movimentos, e a seleção dos alunos é feita pelo próprio MST. Por esta mesma razão há uma preocupação que se construa um curso com metodologia que atenda a realidade para além daquela dos militantes do MST, e que não se volte só para as necessidades do movimento. O objetivo central é de que esse espaço de formação propicie o debate para dar um embasamento às lutas cotidianas dos trabalhadores.

A proposta é que mesmo sendo um curso do MST, o debate favoreça uma luta pela transformação social que ultrapassa a Reforma Agrária. “A medida que os indivíduos se reconhecem enquanto sujeitos político-sócio-histórico em coletividade evidencia-se uma nova subjetividade, a que só é possível pela característica de grupo, a “consciência reivindicadora””.

A metodologia visa trabalhar ao mesmo tempo a dimensão formativa e teórica, e a própria organização interna do curso visa estimular a responsabilidade coletiva e o amadurecimento do conjunto. Assim como no Curso Teorias Sociais e Produção de Conhecimento, ao final da última etapa da grade estimula-se a elaboração de uma monografia pelos trabalhadores, buscando que este trabalho seja uma forma de retorno aos grupos organizados.

1.5 – Pequena memória de uma experiência formativa: O Curso Teorias Sociais e Produção de Conhecimento

O projeto do qual pude participar, me propiciou o contato com o trabalho formativo realizado no interior da UFRJ, tinha o objetivo de registrar os mais diversos momentos do Curso Teorias Sociais e Produção de Conhecimento, através de fotografias, filmagens e entrevistas realizadas com os militantes.

Para a execução deste trabalho, foi utilizado também o método de observação-participante, que conforme afirma Bosi (1981), permite um estudo mais completo do fenômeno, na medida em que o pesquisador participa da vida do pesquisado. Durante o curso tive a oportunidade de conviver com os alunos em momentos diversos além da sala de aula. Esta convivência possibilitou, além de participar do cotidiano daqueles trabalhadores no interior da universidade, a criação de um vínculo estabelecido a partir da interação direta, seja no almoço, em um intervalo, uma noite cultural, ou até mesmo um contato mais direto obtido através da oportunidade de ficar alojada com os militantes durante alguns dias em determinada etapa do curso.

Desta forma é possível entender o que Bosi quer dizer ao afirmar que a pesquisa é um compromisso afetivo. Se não houvesse uma identificação com aqueles momentos, com os participantes do curso e principalmente com sua militância, não seria possível realizar um trabalho com um sentido comum. A observação-participante possibilita este compromisso afetivo, o estabelecimento de laços, na medida em que vivenciamos alguns dos momentos cotidianos desses sujeitos

As atividades do projeto de pesquisa e extensão “Processos Formativos para Movimentos Sociais no âmbito do CFCH: Curso Teorias Sociais e Produção de Conhecimento”, voltadas para o registro de sua memória, visa contribuir para a

documentação e apropriação de determinados elementos derivados de sujeitos que durante toda a sua trajetória sofreram com diversas formas de opressão. Podemos dizer de acordo com Chauí (apud Bosi, 1987), que ao registrar os mais diversos momentos do Curso Teorias Sociais, também estamos contribuindo para esta luta contra a opressão, na medida em que aquele material documentado é dotado de uma grande riqueza de informações não só referente ao conteúdo das aulas, mas também pela troca de experiências entre os militantes e todos que participaram do curso. Além do fato de que se trata de um amplo material de estudo e reflexão, podendo ser apropriado até mesmo por aqueles que não tiveram contato com o curso.

Como diz a autora, lembrar não é reviver, mas sim re-fazer. Não basta apenas repetir o que se passou, mas compreender a importância deste registro, refletindo sobre o mesmo. Caso não haja esta reflexão, estas memórias se perdem, principalmente em seu sentido. (Bosi, 1987). Por esta razão, ao registrarmos os momentos do Curso, é necessário compreender o que há além daquele registro, e principalmente sua intencionalidade. Conforme Bosi, o modo de lembrar é tanto social quanto individual, já que o grupo transmite suas memórias. Ao registrá-las vai individualizando a memória comunitária, retirando aquilo que considera significativo. No trabalho de extensão, não pretendemos destacar aquilo que consideramos importante, até porque os momentos significativos estavam presentes em vários momentos, tanto nas aulas como nos momentos de descontração, de uma conversa no corredor. Todavia, também temos uma intencionalidade no registro dessa memória, que é a de contribuir para que momentos como esses não se percam.

Nos momentos registrados no Curso, conforme já assinalado, procurou-se registrar também os momentos de intervalo entre as aulas, as conversas informais, principalmente entre os militantes, As experiências da vida cotidiana, as desigualdades vivenciadas, as dimensões das lutas, neste conjunto está presentes elementos ricos que não são valorizados socialmente, voz de uma classe que não tem voz. Seria o que Chauí (apud Bosi, 1987), coloca como a “socialização dos pequenos”. A não-compreensão desta “outra socialização” desconsidera o entendimento da troca de saberes, e assim da importância daqueles momentos que representam uma alternativa às opressões vivenciadas cotidianamente por esses sujeitos.

Percebemos que o trabalho é o ponto comum entre os participantes do Curso de Teorias Sociais. Isto porque os militantes vivenciam em sua prática uma luta contra essas desigualdades, oriundas do processo de produção e da forma de circulação das mercadorias na sociedade.

Ao registrar um momento, de alguma forma aquelas lembranças, fatos, falas e acontecimentos também nos tornamos parte daquele registro. É o que diz Barbosa (apud Bosi, 1987), ao afirmar que as experiências narradas pelo outro também se tornam experiências de quem ouve a história.

Fazendo uma relação com as atividades extensionistas, as experiências e momentos ocorridos no Curso também se tornam parte de quem faz este registro, a medida que contribuem para a nossa própria formação, não só pelos conteúdos das aulas, mas também pelo contato com uma militância de sujeitos que foram historicamente apartados do processo de produção e socialização do conhecimento, e hoje vivenciam situações que possibilitam elaborar novas racionalidades.

Ao registrarmos a memória, ao realizar esta observação participante, assumimos o destino daqueles sujeitos no sentido de reconhecer aquela prática, e as possibilidades de emancipação humana que se abrem através desta. Conforme aponta Bosi, seria assumir uma “comunidade de destino”.

Sendo assim, pode-se dizer que no interior das atividades de caráter extensionista referentes ao Projeto de Extensão, foi possível ser ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito quando procurávamos registrar aqueles momentos, as falas, as impressões; e objeto quando nos tornávamos instrumentos de transmissão dessas memórias, através da documentação deste material. No entanto, foi impossível a apreensão de todos os processos presentes no curso, já que muitos aconteciam nas ocasiões mais informais que também eram momentos ricos em experiências que mereciam ser eternizados. E também, conforme descreve Bosi (1987), “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”

2 – O contexto sócio-político-econômico e a atualidade da classe trabalhadora

Neste capítulo, pretendo problematizar a conjuntura em que os cursos de formação se realizam a partir da apreensão do contexto político e econômico, fundamental para a compreensão da organização dos movimentos sociais na atualidade. Pretendo ainda colocar algumas reflexões sobre o papel das universidades públicas neste contexto, já que são espaços utilizados para a realização destes cursos.

Conforme já apresentado no primeiro capítulo, os cursos de formação política – como o Curso Teorias Sociais e Produção de Conhecimento – são voltados para militantes de diversos movimentos sociais. Por sua vez estes alunos/militantes são sobretudo trabalhadores que vivem em seu cotidiano os reflexos perversos das mudanças que atingem a classe trabalhadora, resultados de mudanças mais amplas na organização econômica e social.

Neste sentido, faz-se necessário compreender em que contexto estão situados os cursos de formação, e principalmente, como se inserem nestes espaços os trabalhadores que participam destes cursos, buscando desta forma entender como as mudanças da própria classe trabalhadora tendem a influenciar a organização da classe, enquanto classe, e a participação destes sujeitos em lutas sociais.

O contexto atual traz implicações de um processo a nível mundial, que atinge a classe trabalhadora como um todo. O processo de internacionalização do capital tende a acentuar desigualdades na sociedade contemporânea. Conforme aponta Santos (2004), o modelo de globalização vigente, um processo amplo e mundial, que atravessa a todas as esferas da vida social, tende a priorizar o lucro desconsiderando os seres humanos.

A globalização como ela é de fato, também produz um presenteísmo, uma espécie de superavaliação do tempo imediato, no qual os sujeitos vivem o que está dado, sem estabelecer conexões com o passado perdendo assim a dimensão de elaborar projetos para o futuro.

Esta construção da ordem hegemônica vigente leva a um conformismo, a demonstrar que a vida social está colocada de forma imutável, como que a afirmar a ausência de alternativas além daquela elaboradas pelo sistema. O que se nota ao mesmo tempo é um processo de retração, gerado pelo consenso, construído pelo domínio ideológico e material sobre a classe trabalhadora. Este domínio é reforçado pelas mudanças no mundo do trabalho, mudanças estas que tendem a fazer com que os trabalhadores não se reconheçam enquanto classe. Este fato está vinculado ao que Chauí (1981) chama de “universalidade abstrata do processo de trabalho” (1981:64). Esta universalidade é criada, objetivando ocultar as particularidades, e com isso as desigualdades. Conforme aponta Chauí,

O movimento das relações sociais gera para os sujeitos a impossibilidade de alcançar o universal através do particular, levando-os a criar uma universalidade abstrata que não passa pela mediação do particular, mas por sua dissimulação e contra ele. A sociedade (e, portanto, as classes sociais), encontra-se impossibilitada de relacionar-se consigo mesma, a não ser recusando aquilo que ela própria não cessa de repor, isto é, a particularização extrema de suas divisões internas. Este movimento denomina-se alienação (1981:64)

Chauí mostra que esta alienação se estende ao processo de trabalho, e neste caso, não apenas a conformar um domínio de forma subjetiva, mas também objetivamente na esfera da base material da produção. O trabalhador não se reconhece enquanto trabalhador coletivo, não se reconhece enquanto classe, e também como parte do processo produtivo.

Estas mudanças no mundo do trabalho partem da necessidade do próprio capital de ampliar seus lucros e responder as crises. De acordo com Ortiz (2004), o

desenvolvimento do capitalismo, e seu novo padrão chamado de acumulação flexível traz

(...) novos contornos ao mundo do trabalho, resultando em um processo comumente conhecido por reestruturação produtiva, cuja integral automatização do processo produtivo (não mais restrita ao âmbito a fábrica, mas também aos serviços) e racionalização das relações de trabalho são características fundamentais. (2004:4)

2.1 – Novas configurações no mundo do trabalho e seus reflexos na classe trabalhadora

Para os trabalhadores, as conseqüências são diversas, mas o desemprego e a precarização das condições de trabalho são os resultados mais evidentes. O operário é submetido a extensas jornadas de trabalho, muitas vezes na tentativa de suprir um número de funcionários reduzidos para “cortar gastos”, e muitas vezes em condições desumanas para realização de suas tarefas. Além disso, o trabalhador desempenha diferentes funções ao mesmo tempo, se tornando o chamado “trabalhador polivalente”. Somam-se a estes fatores contratos temporários e/ou precários de trabalho e o medo constante da demissão, afinal o número crescente de desempregados funciona como um mecanismo de controle, através da constante ameaça de ser mais um a fazer parte do mercado informal de trabalho ou a depender de programas assistencialistas do governo, ou ainda, a se juntar à grande massa de desempregados que lutam para sobreviver, aceitando para isto qualquer condição para se manter.

O discurso que prevalece no âmbito da lógica capitalista é o mais individualista possível, isto é, cada um é responsável pelo seu êxito ou fracasso. Impõe-se a qualificação profissional constante para que o trabalhador esteja sempre à frente do outro, o que não passa de uma grande farsa. Afinal o que temos hoje, por exemplo no nível superior, é um crescente número de recém-formados em cursos universitários que se encontram desempregados ou assumem cargos de profissionais de nível médio por não conseguirem vagas no mercado. Para aqueles que não tiveram oportunidade de estudo, as conseqüências podem ser ainda mais desastrosas, tanto que muitos jovens sem educação e sem experiência profissional acabam caindo no caminho da criminalidade.

A existência de um exército industrial de reserva é condição para o controle do capital variável. Quanto mais existirem pessoas desempregadas, maior será a “variação” desse capital, e maior será o controle sobre o trabalhador. O dono dos meios de produção se utiliza daqueles que estão à espera de um emprego para criar maiores espaços de manobra dentro de sua fábrica. Manobras no sentido de mecanismos de controle daqueles trabalhadores, como por exemplo, o ajuste de salários. O capitalista precisa desempregar para acumular mais, e ao mesmo tempo, precisa de pessoas do “lado de fora” da fábrica para pressionar os trabalhadores que estão dentro da fábrica. Desta forma, o desemprego é ao mesmo tempo, condição e resultado da lógica capitalista.

Todo este quadro ainda contribui para um aumento da competitividade entre os próprios trabalhadores, pois com oportunidades de empregos reduzidas e a instabilidade sempre presente no trabalho, o trabalhador busca a todo tempo superar o próximo, sem reconhecer que ambos se encontram na mesma condição.

Este reconhecimento é cada vez menos presente, já que a classe dominante cria sempre novos mecanismos para manter seu domínio, o que implica em fragmentar a classe trabalhadora, sobretudo em seus processos organizativos.

Segundo Guerra (de et al. 2005). hoje a classe trabalhadora não apresenta a mesma configuração de antes, porque a produção é desterritorializada e cada parte do processo produtivo é realizada em um local. Na visão destas autoras, as bases históricas – classe trabalhadora e burguesia definidas – estão mudadas, já que a classe burguesa está multifacetada, e os processos de dominação material levam a fazer com que a classe trabalhadora não se reconhece enquanto coletivo.

Contudo, mesmo que as condições históricas estejam muito diferentes, isto é, a classe trabalhadora esteja fragmentada na sua organização, o que se tem são novas expressões da mesma contradição capital x trabalho. Neste sentido, é importante compreender que mesmo com a classe trabalhadora fragmentada, o que limita a sua organização de classe, a divisão entre explorados e exploradores continua sendo a mesma, e na essência temos as mesmas contradições postas.

Neste sentido presenciamos um cenário no qual, para além da desconstrução da classe trabalhadora enquanto classe organizada - seja através de mecanismos ideológicos, ou através de mudanças no processo produtivo, em um quadro de reestruturação produtiva - tem-se também um Estado que, se antes era responsável pela reprodução mínima do trabalhador e sua família, hoje se apresenta como Estado mínimo que reduz ao máximo suas funções e responsabilidades. Seguindo a cartilha neoliberal, este Estado terá como único compromisso manter a acumulação do capital e desta maneira,

(...) o Estado Mínimo, é uma das principais preocupações e bandeiras do pensamento neoliberal: reduzi-lo em seu tamanho, papel e funções em prol do mercado, este considerado o mais eficiente mecanismo de alocação de recursos, visto que o Estado é incompetente para administrá-los. É neste contexto que o processo de reforma do Estado vem se consolidando no Brasil, restringindo seu papel no espaço público e com isso transferindo à iniciativa privada funções que antes estavam majoritariamente sob seu domínio. (Ortiz, 2004:6)

Chauí (1981), analisa que o Estado para anular sua particularidade e ocultar assim a luta de classe se afirma como universal. No entanto, é uma universalidade abstrata, criada e mantida pelo aparato estatal. Esta necessidade de se tornar universal suprimindo o aspecto singular para assim se tornar legítimo, se estende também às instituições sociais tradicionais de dominação, pois caso não aparentem sua universalidade perderiam a “legitimidade de valer igualmente para todos” (Chauí, 1981:65).

O Estado na atualidade assume a tendência de dialogar com todos, o que acaba gerando uma perspectiva ilusória de atender a interesses diversos e por vezes, contraditórios. Seria uma concepção de Estado liberal, um Estado que “paira” acima das classes. Contudo, por mais que seja um Estado ampliado, continua sendo um Estado burguês a exercer funções essenciais dentro da lógica capitalista.

Podemos citar como exemplo quando o governo tenta atender interesses contrapostos, ao considerar os interesses de multinacionais como a Aracruz Celulose e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. Por mais que o governo faça concessões ao MST, atendendo algumas reivindicações do

movimento, sempre irá priorizar os interesses dos grandes capitalistas como é o caso da Aracruz Celulose.

Para os movimentos sociais é de suma importância compreender estas novas configurações da classe trabalhadora e do Estado, caso tenham a perspectiva de trabalhar pela superação e transformação desta ordem. O que vai implicar em compreendê-la a fundo, desvendando todas as suas manifestações. Para aqueles movimentos que buscam assumir uma postura de enfrentamento do Estado – proposta de um movimento com corte de classe - entender qual o Estado que se enfrenta e as estratégias que este utiliza se torna um elemento fundamental.

Neste cenário, se torna evidente a relevância da criação de novas formas de resistência e de mecanismos que rompam com este ideário hegemônico e suas formas concretas de organização da vida social. E neste sentido, investimentos em experimentos formativos se colocam como um espaço contra-hegemônico, capaz de estimular a construção de novos pensares que se opõem à lógica dominante que predomina na sociedade.

2.2 – O papel das universidades e os impasses enfrentados

O cenário apresentado já aponta o contexto que também compõe a realidade das universidades hoje. Diante de um contexto de desmonte do aparato público-estatal, as universidades também apresentam os reflexos diretos desta nova lógica, onde a cada dia sofrem mais com o corte de verbas, resultando no seu atual estado: Universidades sucateadas, sem infra-estrutura para manter os estudantes, restringindo a permanência para aqueles que possuem condições de se manter em

um curso superior. Os grandes cursos – medicina, direito, administração, economia, dentre outros, estão cada vez mais elitizados, na medida em que entrar e se manter na universidade já não é tarefa fácil. Porém em um curso como os mencionados, é praticamente impossível para os segmentos mais pauperizados fazê-lo, pois sem investimentos do governo em bolsas que auxiliem a permanência dos estudantes de baixa renda nas universidades, se sustentar em um curso universitário é quase impossível devido a necessidade de participar da complementação de renda familiar e por isso precisar dividir o tempo entre trabalho e estudo.

Parte deste contexto de crise das universidades resulta do desvio de verbas públicas para iniciativas privadas, sobre o pretexto de investir em programas que ampliam o acesso de todos ao ensino superior. Contudo, ao invés de investir nas universidades públicas, ou na educação de base para desta forma garantir possibilidades iguais de acesso aos cursos universitários, o governo investe em programas que isentam universidades privadas de impostos, em troca da abertura de vagas em seus cursos para estudantes de baixa renda.

Deve-se salientar que grande parte destas universidades privadas não investem em pesquisas e não são obrigadas legalmente a fazê-las, e desta forma, não produz concretamente um conhecimento crítico para seus alunos. A vantagem fica apenas para os empresários, que reduzem gastos e aumentam a sua lucratividade.

Este modelo de ensino superior mercantilizado é muito funcional ao sistema, já que não estimula um saber crítico e tende a reproduzir os valores da classe dominante. Formam-se profissionais que tem o seu saber voltado para a geração de

lucro, ou “criação de intelectuais orgânicos da burguesia, que difundam o projeto burguês de sociabilidade e, ao mesmo tempo, realizem a tarefa educadora, coesionadora, da sociedade”. (MARRO, K. de et al. 2006:4).

Problematizar este quadro das universidades públicas na atualidade e levantar questionamentos sobre a verdadeira função social da universidade são tarefas propiciadas através do contato com experimentos formativos como o Curso Teorias Sociais e Produção de Conhecimento, que criam a possibilidade real de aproximação entre movimentos sociais e universidade, e ainda com uma perspectiva de construção de um saber questionador do status quo dominante, possibilitando que no seu interior sejam elaborados processos possam contribuir de fato para a emancipação política e humana dos indivíduos.

Tais iniciativas como o curso de formação objeto deste estudo possuem relevância por também serem questionadores da ordem instituída e não se submeterem aos moldes do mercado. Por esta mesma razão, são amplamente questionados quanto a sua funcionalidade e necessidade no interior da própria universidade.

Nesse sentido as instituições de nível superior, que deveriam ser um espaço de produção de conhecimento, se tornam um espaço de reprodução dos valores da classe dominante, e experimentos formativos voltados para movimentos sociais são criticados negativamente e acusados de uso indevido do espaço público acadêmico.

Assim, as opiniões contrárias no interior da universidade a realização dos referidos cursos apenas refletem o pensamento hegemônico que predomina no imaginário social. Esta hegemonia da classe dominante implica na criação de

consentimento obtido através de um conjunto de mecanismos que reproduzam a visão de mundo e o pensamento burguês, para que desta forma o projeto de orientação social seja difundido e os valores internalizados pela classe subalterna.

Uma classe para ser hegemônica precisa disseminar a consciência social, sob uma determinada racionalidade, dominando “corações e mentes”. Para conquistar esta hegemonia, o primeiro instrumento para manter-se dominante é a coerção. Esta força não precisa estar sendo continuamente utilizada, pois já está presente no imaginário social. Ou seja, a classe dominante se utiliza da possibilidade de uso a força, de “violência legal” a seu dispor.

Outro elemento utilizado continuamente em todas as esferas da vida social é o consenso. O consenso é obtido através da internalização da direção intelectual e moral da classe dominante pela classe trabalhadora. Este elemento é cotidianamente presente, pois caso se use a força o tempo inteiro a classe dominante perderia a legitimidade. O consenso tem o sentido de garantir o consentimento de todos, de tornar legítimo o projeto da classe burguesa, de forma a não possibilitar questionamentos quanto a este projeto. Porém, o uso da força é legitimado, em casos onde grupos sociais que não consentem com o instituído e tendem a ameaçar a ordem burguesa. Nestes casos, a coerção segundo Gramsci (1981) é considerada "coerção legal", pois tais grupos são tratados como ameaças ao "bem-estar coletivo".

O controle social através do consenso é exercido através de instrumentos diversos, sobretudo através das instituições tradicionais da sociedade civil, como escola, igreja, família, dentre outras. Atualmente, a mídia assumiu um importante

papel nesta função de instrumento de manutenção ideológica, pois é capaz de atingir a todos os sujeitos independentemente de sua posição de classe. Desta forma, a burguesia se utiliza deste mecanismo para repassar as informações da forma que lhe é conveniente, sempre priorizando seus interesses.

Os meios de comunicação são um dos recursos muito utilizados principalmente em se tratando de refrear os movimentos sociais. As ações empreendidas por estes geralmente são duramente reprimidas, e como são ações e posturas contestatórias à ordem vigente, estes movimentos tendem a ser criminalizados e a mídia burguesa tem a função de reproduzir este pensamento para a toda sociedade. Quanto maior a visibilidade de um movimento social, maior será o seu destaque - negativo, na mídia burguesa, investindo para que este movimento perca sua legitimidade e aceitação perante a sociedade.

O MST por ser o movimento com maior visibilidade no país é alvo constante dos ataques da mídia. Suas ações, desde as mais simbólicas e pacíficas até aquelas com alto teor de ação direta, são tratadas pela classe dominante como atos de vandalismo ou como atitudes sem fundamento. E a criminalização não está restrita apenas às manifestações realizadas pelo movimento. A organização do movimento, seus princípios filosóficos e pedagógicos também são objeto de críticas constantes e pesadas que não por coincidência estão sempre sendo noticiadas.

O curso Teorias Sociais e Produção de Conhecimento, conforme dito anteriormente surgiu de uma demanda do MST à Universidade Federal do Rio de Janeiro. Este tipo de iniciativa acontece também em outras universidades do país. Obviamente estas experiências se tornam notícias de meios de comunicação, tanto

nos meios da classe - de forma divulgar e fortalecer estas iniciativas - como também na mídia burguesa, buscando conter os movimentos sociais nestes espaços, já que pela ótica burguesa seria uma ameaça ter no interior de uma universidade a discussão de um projeto societário antagônico ao vigente.

Em reportagem publicada na Revista Veja, em outubro do ano passado, fica evidente o posicionamento burguês em relação aos movimentos sociais, em especial na presença no espaço acadêmico por parte destes movimentos. A reportagem intitulada "Invasão na universidade", com subtítulo " A última do MST: cursos exclusivos em universidades públicas - com o patrocínio do governo", já anuncia o que está por vir. Os militantes do movimento são tratados como "invasores" da universidade, como se eles não tivessem o direito de estar ali.

A reportagem trata também como absurdo o fato de que sejam criados cursos especiais, de acordo com as definições e necessidades dos próprios militantes. Ainda ressaltam que em sala de aula são ensinados conteúdos voltados para a luta dos trabalhadores e por "pensadores como Marx e revolucionários como Che Guevara" (idem). De acordo com a própria revista, " Ensinar aos Sem-Terra uma visão dogmática do mundo já é por si só um problema, mas o quadro piora porque a catequese marxista se dá em universidades públicas - com o patrocínio do governo". (Revista Veja, 03 de outubro de 2007, pg. 73). A indignação mostrada está, para além do conteúdo estudado pelos alunos, no fato destas experiências ocorrerem em universidades públicas com verbas do governo.

Como a própria reportagem apresenta, nestes cursos são levantados questionamentos acerca do funcionamento do sistema atual, passando por uma

apreensão histórica e construção de um novo projeto societário. Como coloca o próprio MST, "Trata-se de uma educação que não esconde o seu compromisso em desenvolver a consciência de classe e a consciência revolucionária, tantos nos educandos como nos educadores" (Caderno de Educação, nº8, 1999:6). Por esta razão, este modelo de educação é duramente questionado pela classe dominante.

Se tratando especificamente dos cursos de formação política, estes encontram impasses na sua realização na medida em que se trata de movimentos sociais que deixam claro seus objetivos e projetos. Por esta razão, também são alvos de críticas, pois além de serem voltados para trabalhadores que historicamente foram apartados do acesso ao conhecimento, estes trabalhadores são também militantes de movimentos sociais que buscam desenvolver uma nova racionalidade, propiciar uma consciência crítica, com um horizonte vinculado a apreensão dos processos históricos, elementos possibilitados pelos cursos de formação política. Neste sentido, investir nestas experiências formativas para movimentos sociais representa sobretudo criar um espaço crítico nas universidades que hoje infelizmente não se propõem a estimular a produção de conhecimento crítico para seus alunos.

Desta forma, o projeto no qual eu pude participar, que propiciou o contato com este curso, representa uma possibilidade de uma formação universitária mais rica, na medida em que se tem a oportunidade de aprofundar um debate crítico sobre a sociedade através da ótica de sujeitos políticos e militantes. Novos tipos de processos educativos contribuem, sobretudo, para repensar a formação acadêmica, cada vez mais isolada da realidade social.

A existência de uma troca com os movimentos sociais, principalmente em um contexto em que a universidade está cada vez mais voltada para uma lógica mercantilista e elitista, pode contribuir nesta perspectiva de formação crítica. Assim, Cursos como o Curso Teorias Sociais e Produção de Conhecimento representam um espaço significativo em diversos sentidos, principalmente por trazer para o interior da Universidade movimentos sociais como o MST, trazendo também as lutas populares vivenciadas, e principalmente, uma oportunidade de aprimoramento da formação teórica e política através destes experimentos formativos.

3 – Um olhar sobre as práticas formativas desenvolvidas no interior do Curso Teorias Sociais e Produção de Conhecimento

3.1 – Pequena imersão sobre o cotidiano do curso

Neste capítulo buscarei estabelecer uma relação entre a observação direta efetivada do trabalho formativo no interior do Curso Teorias Sociais e Produção de Conhecimento e o relato de alguns militantes que dele participaram fazendo uma análise que contemple a articulação desta experiência em conexão com o campo teórico considerado anteriormente no corpo do trabalho.

Conforme mencionado em capítulo anterior, o projeto de extensão do qual participei buscava o registro dos mais diversos momentos do Curso Teorias Sociais, na perspectiva de criar a memória desta experiência. Este trabalho permitiu um processo de investigação que implicou em observação direta e realização de algumas entrevistas com militantes que participaram do curso. Para realizar este trabalho, acompanhei as aulas, os intervalos, debates de filmes, a apresentação de trabalhos e místicas, no período de janeiro de 2006 até janeiro de 2008. Acompanhei portanto, a última etapa da turma Apolônio de Carvalho (primeira turma do curso), o

que me permitiu observar –ainda que de forma incipiente - o processo de apresentação dos trabalhos finais dos militantes, na medida em que também acompanhei, simultaneamente, a segunda turma que se iniciava – Rosa Luxemburgo – e que tive a oportunidade de acompanhar mais diretamente até sua quinta etapa. Tal fato me permitiu observar os processos de apreensão dos conteúdos desenvolvidos no curso pelos alunos, assim como a estrutura organizativa dos trabalhadores (equipes, divisão de tarefas, núcleos de estudos, etc) e diversos momentos ao longo das seis etapas que compuseram o curso na sua integralidade.

Neste processo pude observar cerca de 5 dias em média de cada uma das etapas. Em duas etapas permaneci alojada por poucos dias junto aos trabalhadores, podendo acompanhar além dos momentos do curso, as relações entre o grupo e também as opiniões pessoais dos militantes sobre diversos assuntos que surgiam em conversas informais, tendo acesso, portanto, a dimensões de suas subjetividade, a retratar as formas como cada sujeito a partir de práticas cotidianas e vivências compartilhadas com outros sujeitos, constroem respostas singulares, resultado da visão de mundo e das relações sociais que os marcam.

Cabe destacar que estes momentos compartilhados com o grupo de alunos-militantes se conformam em experiência, e não apenas em uma simples vivência. Cassab (2001), recorrendo a Benjamin (1975), nos explica que a experiência incorpora as vivências, mas implica relação com outros sujeitos e outros espaços, assim como uma elaboração intelectual. A vivência tem um traço individualista, já que “é imediata, apressada, construída no ritmo do choc.” (Cassab, 2001:30).

É importante ainda assinalar nestes conceitos benjaminianos a dimensão temporal que eles articulam. Na vivência, o que se ressalta é o tempo presente, o imediato, enquanto que, com o conceito de experiência, a memória é vista como conhecimento. Mais do que reminiscência, ela é presença do mundo na subjetividade do sujeito, conhecimento que o orienta frente ao novo, é a unidade passado-presente. (Cassab, 2001:31)

Esta discussão fornece elementos para evidenciar que o contato que estabeleci com este experimento formativo significou também uma contribuição à minha própria formação pessoal. Bosi (1987) destaca que toda pesquisa é um certo compromisso afetivo, que penso ter vivenciado neste processo de investigação que partilhei. Processo este que me possibilitou uma maior proximidade com os trabalhadores, favorecendo o conhecimento de dimensões pessoais dos militantes que não surgiram apenas nas entrevistas realizadas.

Alguns militantes relataram que tiveram dificuldades em acompanhar a dinâmica do curso no que diz respeito à extensa bibliografia trabalhada. Embora os participantes demonstrassem grande participação em sala de aula, interagindo com a turma, levantando questões aos professores que participaram do curso – o que propiciou um rico debate -, muitos não conseguiam ler toda a bibliografia dos temas trabalhados em aula devido ao formato intensivo do curso e ao fato de que as atividades ocupavam todo o dia.

No entanto, esta dificuldade de acompanhar o estudo da bibliografia recomendada não prejudicou substancialmente a participação dos militantes durante as aulas. Notou-se que muitos conseguiam se apropriar dos conteúdos trabalhados e ainda estabeleceram uma relação com a sua prática cotidiana, o que ficou

evidente através das questões levantadas em sala de aula. Esta correlação da teoria trabalhada com a realidade dos militantes também aponta que alguns dos sujeitos presentes já traziam um histórico de participação em outros cursos de formação oferecidos pelos seus movimentos, além do fato de que vários já possuíam nível superior.

Estes fatores foram observados como pontos positivos, na medida em que a turma tendo a mesma possibilidade de acompanhar o curso, os conteúdos trabalhados puderam ser mais aprofundados, e desta forma, possibilitaram que os debates surgidos fossem mais bem desenvolvidos e o processo de aprendizado fosse também mais rico. Contudo, foi possível notar que cada um dos sujeitos presentes realizava um processo de apreensão dos conteúdos e da própria teoria crítica desenvolvida de maneira diferenciada, visto que no mesmo grupo encontravam-se sujeitos em diferentes níveis de aprendizado, de domínio do pensamento abstrato, e de consciência, além de múltiplas subjetividades.

A relação entre as diferentes bases teóricas desenvolvidas no curso e a realidade foi observada nas intervenções dos trabalhadores nos momentos de aulas sendo mais evidente no sentido de vincular a prática dos movimentos sociais relacionando-a com os processos históricos e o contexto atual nos quais a própria luta dos trabalhadores se põe. Este aspecto também pode ser explicado pelo fato de que grande parte dos alunos do curso são militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, e por isso têm semelhanças na sua prática política, conhecendo os impasses enfrentados no dia-a-dia para conseguir avançar em suas lutas. No entanto os trabalhadores demonstraram reconhecer que a luta

pela emancipação humana deve abranger o universo urbano e rural, e por isso englobar diferentes sujeitos de diversos movimentos. Conforme esclarece Sudano,

O curso foi pensado com a visão de que a sociedade brasileira não vai se transformar com a luta de um único movimento, devido ao entendimento de que a marca da lógica mercantil hoje intensificada nas objetividades e nas subjetividades vem afetando a todos os segmentos da sociedade. A união na diversidade presente nos vários movimentos é vista pelos militantes do MST como algo positivo e necessário. A luta é vista como ação que deve ser unificada e direcionada para um mesmo objetivo de transformação.

(Sudano, 2008:101)

Esta reflexão também se evidencia nas relações observadas entre o grupo no decorrer do curso. Experiências cotidianas singulares surgiam nas conversas dos intervalos e almoços, na busca por compartilhar com o outro parte de sua trajetória. Cada relato trazido nestes diálogos gerava um reconhecimento no outro, que apontava entre outras coisas para dimensões importantes de solidariedade de classe, através de unidade de ações entre diferentes movimentos sociais, ainda que tendo campo de ações diferentes.

A dimensão de cultura é fortemente presente, seja nos momentos das místicas, através de músicas, poesias e teatro com um conteúdo crítico, ou pelos costumes regionais trazidos pelos próprios trabalhadores, tendo em vista que o curso abrange militantes de todo o país de diversas regiões. Este fortalecimento dedicado a cultura popular se faz fundamental em um momento onde a lógica mercantil tende a transformar valores éticos em bens de consumo, desqualificando referenciais coletivos, evidenciando que a forma mercadoria tem afetado também a subjetividade dos sujeitos.

Os conteúdos das disciplinas têm considerado este fato. Do ponto de vista metodológico, na dinâmica das aulas, após a exposição, o professor abre para as questões, e os alunos colocam suas dúvidas e também seus posicionamentos e opiniões. A partir destas, abre-se para debate, que é o momento no qual os alunos dialogam entre eles e com o professor, e nem sempre as opiniões são semelhantes.

Nota-se então que os militantes tendem a não se distanciar dos professores, já que o espaço do curso favorece a pluralidade de opiniões, na medida em que nenhum conteúdo trabalhado no curso é visto como inquestionável. Os alunos argumentam os pontos que discordam e concordam, tanto no que se refere ao tema proposto quanto pela forma que este é abordado pelo professor. Baseados na sua prática cotidiana e enriquecidos pelos símbolos da luta política, o Curso de Teorias se torna um espaço de ampla discussão e troca de conhecimentos.

Os questionamentos que surgem ao final das aulas também sugerem para as ações empreendidas a necessária fundamentação. Significa dizer que estes alunos, ao debaterem os conteúdos, compartilharão opiniões e pontos de vista entre os outros alunos e o professor, realizam uma reflexão crítica entre a teoria e a prática, levando elementos da realidade para o interior do curso e dos fundamentos teóricos ali debatidos para a sua prática política e social, no sentido de uma perspectiva dialética e emancipatória.

3.2 – A experiência formativa pela ótica dos militantes

Para além do contato direto com os militantes, além do acompanhamento das aulas, intervalos, místicas e reuniões de estudo, a minha inserção no projeto de

pesquisa e extensão “Processos formativos para Movimentos Sociais no âmbito do CFCH : Curso Teorias Sociais e Produção de Conhecimento”, também possibilitou a investigação das impressões dos trabalhadores presentes acerca do trabalho de formação que estava sendo realizado. O que foi feito a partir de entrevistas realizadas com os militantes. Para a elaboração deste trabalho, foram entrevistados quatro trabalhadores durante a III e IV etapa da turma Rosa Luxemburgo. Destes trabalhadores, três militam no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra e um é membro da Consulta Popular e Movimento Sindical Urbano. Os trabalhadores são oriundos dos estados de São Paulo, Pernambuco e Santa Catarina.⁶ Utilizo esses depoimentos, articulando-os aos elementos teóricos apresentados nos capítulos anteriores para problematizar e embasar os sentidos construídos em termos de formação humana e política pelo curso. Desta forma a análise se volta sobre estes espaços de formação para verificarmos se estes tem possibilitado aos trabalhadores o acesso a um campo coletivo no qual possam “exercitar a prática do pensar, do interpretar e do investigar a realidade social a ser transformada, assim como estudar e entender as diferentes correntes do pensamento teórico e metodológico e suas influências na prática política atual” (Silveira 2006:3).

Muitos trabalhadores presentes no curso destacam ser fundamental este processo no sentido de formar novos sujeitos para movimentos sociais que se propõem a manter uma unidade e efetividade na luta de classe, e que isto é produzido na luta direta e também nos trabalhos de formação. E desta forma, este trabalho deve se estender a todos os trabalhadores que participam dos movimentos

⁶ Os nomes dos trabalhadores serão mantidos em sigilo.

sociais, de forma a dar embasamento teórico à prática política. Conforme coloca um dos militantes entrevistados,

(...)Pra não excluir ninguém do curso e também facilitaria mais militantes participar de um espaço importante de formação. Tem pessoas no próprio curso que são militantes fundadores do MST, mas nunca tiveram a oportunidade de se graduar, então, com isso, se fosse somente a especialização de pós acabaria excluindo essas pessoas de um processo rico de formação marxista de filosofia. (N., MST.)

Note-se que na fala do entrevistado surge uma preocupação de que os trabalhos formativos possam atingir a todos os trabalhadores do movimento, na medida em que a formação humana é fundamental na constituição de sujeitos individuais e coletivos.

(...) inclusive é uma questão da construção do movimento que é uma construção leninista, a idéia do partido e também essa construção da educação popular. No fundo as duas coisas tem uma relação muito grande dentro do movimento, não é uma nem a outra que é a verdadeira. Acho que há uma relação muito grande nas concepções. Formações mais de quadros, essa construção marxista-leninista do partido acho que é muito mais aprofundada. Mas, na formação de base, dos Estados, dos setores, se aprofunda muito mais a formação popular. Então essa relação é fundamental pro crescimento do conjunto do movimento. (N., MST.)

A fala do entrevistado revela a apreensão de uma forma de educação que foge aos moldes da sociedade burguesa em termos de educação formal. Gramsci entende que tanto para a construção do movimento, quanto para construir novos sujeitos, é necessária uma reforma intelectual e moral. O autor faz uma crítica ao modelo de educação burguesa que reproduz indivíduos para a manutenção do ordenamento capitalista, defendendo que é necessária a criação de uma nova cultura.

A criação desta nova cultura implica desvendar o real e suas contradições, percebendo os processos contidos na realidade que reproduzem a cultura hegemônica, principalmente no que tange a reprodução da lógica mercantil que perpassa todas as esferas da vida social. Mesmo sendo verificado que os sujeitos tendem a ser determinados pela lógica mercantil que permeia objetivamente a vida social, deve-se reconhecer que a subjetividade dos sujeitos não será necessariamente reflexo desta construção, podendo até mesmo surgirem elementos subjetivos que se contrapõem a lógica mercantil. (Silveira, 2002)

A fala dos sujeitos entrevistados é reveladora de que através dos trabalhos formativos novos processos de subjetivação se apresentam. Os sujeitos se apropriam de elementos que auxiliam na elaboração crítica do contexto e conjuntura atual, dando sentidos substantivos a própria militância. Assim como tem permitido a recuperação dos processos históricos para desenvolver um paralelo com a realidade no sentido de atuar sobre a mesma. A fala dos participantes exemplifica este ponto:

(...) Acho que foi um momento muito rico, de algumas aulas, de alguns debates que tiveram, trabalhando a questão histórica neste paralelo com a atualidade. Acho que esse foi um dos pontos assim que, com certeza pra nós é, vai contribuir muito na luta, no movimento, naquilo que a gente está se propondo a fazer, a trabalhar com o povo brasileiro. (M.J., Consulta Popular / Movimento Sindical.)

(...)Eu mesmo conheço muitos militantes, muitos bons, bons politicamente, bons ideologicamente, mas que na hora de se fazer o debate, o trabalho de base, entender o método entender as contradições, as pessoas se frustram, não conseguem e se isolam. Na minha compreensão, e é esse o meu objeto de pesquisa aqui no curso é entender o método. Como que de fato agente consegue analisar as categorias do método e como essas categorias podem influenciar na análise da realidade, e na prática na realidade. Algumas militancias as vezes muito boas, como eu citei, e no método, no jeito de fazer o trabalho acaba se isolando ou acaba se afastando e desistindo se frustrando por não conseguir de fato organizar alguns assentamentos, alguns

acampamentos, o próprio movimento em algumas regiões.(N., MST)

Recuperar a dimensão da história é fundamental para observar e intervir na estrutura da sociedade, sobretudo quando se compreende que cada momento histórico foi resultado de uma construção, o que leva a compreensão do homem como sujeito da história. Essa concepção é desconstruída pela sociedade capitalista, que cria uma idéia de presente contínuo onde as conquistas históricas da classe trabalhadora são anuladas. Silveira traz uma reflexão sobre este assunto:

(...) Ao recalcar o passado cristalizando a dimensão de tempo presente, no hoje, retira das possibilidades existentes no presente, os seus componentes transgressores, a sua dimensão de porvir. (...) Esta racionalidade que preside as relações sociais através da reificação do presente, não só reforça a perspectiva de manutenção do ordenamento capitalista, como investe na destruição de vínculos que possam vir a ocasionar a humanização dos sujeitos. Ao fazê-lo, busca um tipo de formatação das subjetividades numa perspectiva de imediaticidade, na qual o efêmero e o fragmentário, a produção de curto prazo e a insensibilidade perante o outro são componentes fundantes. (Silveira, 2002:37)

Conforme apontado pela autora, esta destruição dos vínculos com os processos históricos e a supervalorização do imediato, também afetam as subjetividades que tendem a ser determinadas por tais condições. Conhecer os processos históricos permite ter acesso aos elementos que determinam a realidade que se apresenta como imutável. Ao intervir neste real, o sujeito tem a possibilidade de re-elaborar sua própria subjetividade na medida em que a entendemos como uma construção social e histórica, manifestada na interação das capacidades do homem com o mundo.

A subjetividade é entendida como resultado da inserção do sujeito no meio social. A partir do lugar que ele ocupa na vida social e das mais diversas experiências cotidianas, a subjetividade vai sendo construída, no entanto cada sujeito vai vivenciar estes processos de modo singular. Este fator fica evidente nas falas dos militantes ao relatarem suas trajetórias de militância:

Bom, eu tenho uma militância já de, praticamente, em torno aí de 20 anos, junto aos movimentos Sindical, Movimento Popular né, e a gente atua como eu já disse no movimento sindical, o sindicato que eu represento atualmente né, é, e também junto aos movimentos populares, junto ao MST, a gente faz trabalho junto com o MAB, com o MPA, o Movimento de Mulheres Agricultoras... (M.J., Consulta Popular / Movimento Sindical)

Foi uma longa caminhada. Na verdade estou no MST já há 12 anos. Participei da regional do movimento lá no Paraná 4anos, depois sai da região assumi o setor de formação no Estado por mais 4 anos. E agora tá fazendo 4 anos que saí do Paraná, fiquei 2 anos em Goiás onde ajudei na formação da região centro-oeste e também 1 ano em Brasília Já responsável pela formação nacional. Acabei esse ano mudando para a Escola Nacional em São Paulo. Por que no fundo hoje a formação passa pela Escola, não passa por Brasília... (N. , MST)

Cada militante apresenta a sua própria visão de militância, a partir da relação entre elementos singulares que se entrelaçam com o externo. Desta forma, ao relatar o caminho percorrido na militância, cada sujeito por mais que tenha semelhanças na sua prática política, tenderá a ter leituras próprias frente à vida. A subjetividade, por ser determinada também pelo externo, será determinada não apenas pelas relações sociais vivenciadas mas também pelo lugar ocupado nelas.

Cassab (2001) aponta que a subjetividade se produz no entrecruzamento de diversas linhas de força, se movimentando do sujeito para o mundo e do mundo para o sujeito, conformando uma relação dialética. Esta relação com o mundo tanto pode determinar uma subjetividade que mantém os processos de dominação e exploração construídos na ordem capitalista como podem apontar para processos de subjetivação que sugiram a importância uma nova racionalidade, pautada inclusive em referências coletivas de classe. Um dos entrevistados traz uma reflexão sobre este ponto:

(...)É claro que há um desgaste também porque você gasta muito tempo na militância, é isso as vezes até pra própria vamos dizer, vida da gente né, aquilo que a gente prega pros outros, o militante acaba nem sempre usufruindo dessa vida que ele luta pra que todos os trabalhadores tenham. Mas eu acho que essa é a opção que a gente faz né, é isso que a gente quer e é isso que vamos fazer né. (M.J. , Consulta Popular / Movimento Sindical)

O depoimento do militante sugere, além de uma subjetividade que revela indícios de bom senso, uma concepção de pertencimento ao grupo, mais especificamente, de referências identificatórias de classe. Iasi (2007) analisa que esta identificação com um grupo, característica da segunda forma de consciência, representa a saída do individual a partir do reconhecimento no outro de uma condição semelhante. O autor esclarece que a consciência seria “o processo de representação mental (subjetiva) de uma realidade concreta e externa (objetiva), formada neste momento, através de seu vínculo de inserção imediata (percepção). Dito de outra maneira, uma realidade externa que se interioriza.” (Iasi, 2007:14).

Compreender este processo possui importância se considerarmos que a formação da consciência não é um processo linear, e por esta razão é contraditória podendo avançar ou retroceder a outros níveis. A consciência em si, onde o sujeito se reconhece no outro a partir da vivência de uma realidade similar, ainda possui traços da primeira forma de consciência. Mesmo ao negar o processo de reprodução do domínio ideológico, isto é, ao se contrapor à lógica capitalista por identificar uma contradição vivenciada, o indivíduo ainda carrega valores da sociedade burguesa interiorizados ao longo de toda a sua vida, e por isso não supera completamente a primeira forma de consciência. Um dos participantes aponta a importância de compreensão deste processo:

(...) E a gente ainda vai aprofundar nas próximas etapas né, mas um pouco e quando vai falar da luta de classes é, então entra o processo de formação de consciência. E pra mim é muito importante, como se dá o processo na consciência de um indivíduo. Gostei muito. (C., MST)

Penso que a compreensão deste processo sirva como referencial para os próprios militantes no sentido de elaborar sobre a sua prática política, de forma a perceber seus avanços e limitações. No caso dos movimentos sociais de forma geral, essa reflexão pode evitar que os movimentos se limitem a lutas dentro da própria ordem, ficando estagnados em uma luta corporativa. Segundo Iasi (2007), ao permanecer nesta etapa do processo de consciência em si, acabará reproduzindo aquilo que anteriormente buscava negar. Desta forma, elaborar sua prática política é um dos elementos propiciados pelos cursos de formação, já que seus conteúdos permitem dar um sentido efetivo à militância e acompanhar a dinâmica dos próprios movimentos sociais. Acontecimentos e processos antes vivenciados são

incorporados como experiência a partir de uma reflexão crítica propiciada pelos experimentos de formação. Esse aspecto pode ser observado em um relato de um militante do MST:

(...) agora eu acompanho politicamente os cursos de escolarização do movimento. Então pra tu acompanhar o curso tu tem que ter uma formação política, tu tem que ter uma compreensão da sociedade, pra poder dar esse processo de condição né, então contribui muito reproduzir o que aprende aqui, é, fazer um estudo lá com o resto da coordenação do que eu aprendi aqui e tentar estudar lá junto com os demais pra gente poder tá reproduzindo. (C. , MST)

Contudo cabe destacar que o sujeito, mesmo dotado de uma reflexão crítica acerca de algumas contradições do sistema, ainda se insere nele e mantém aqueles valores antes interiorizados. O fato de militar em um movimento social com um corte de classe não determina que o trabalhador tenha uma consciência de classe, na medida em que, se a consciência também é determinada por condições subjetivas, cada sujeito vai vivenciar este processo de maneira diferenciada, e por isso teremos em um mesmo movimento diversas manifestações de níveis de consciência. A partir disso, a prática política e a visão da mesma também vai apontar, além de múltiplas subjetivações, diferentes momentos de consciência:

(...) Porque como eu atuo, num sindicato de trabalhadores, e anualmente eu faço a negociação com os patrões. Então você conhecendo o mecanismo de como funciona as empresas, de como funciona o Estado, isso nos instrumentaliza muito mais, nos dá uma condição muito além, de fazer uma boa negociação, olhando pelo lado mais corporativo da atuação dentro do movimento sindical, de atuar, de conseguir pros trabalhadores né, como a gente diz assim, uma boa negociação, avanços na questão corporativa... (M.J. , Consulta Popular / Movimento Sindical)

A fala do trabalhador expressa um exemplo da segunda forma de consciência, na qual um grupo se mobiliza em prol de um interesse coletivo. Contudo, Iasi (2007) salienta que ao se opor à ordem capitalista, o proletário se afirma enquanto classe, distinta e particular. Mas ao se assumir enquanto classe, afirma a existência do sistema capitalista. Isso porque o proletário não se conforma e reivindica, porém é obrigado a reivindicar a alguém, passando para outro a tarefa de resolver suas demandas.

Não basta apenas se assumir enquanto classe; é necessário que o proletariado vá para além de si mesmo. Não pode se prender a causas específicas, que, quando atendidas, fazem-se retornar à antiga exploração. É necessário uma superação dessa condição. No entanto, não se pode subestimar a importância das lutas imediatas que já expressam resistência aos processos de dominação e exploração reproduzidos na ordem capitalista.

Por esta razão, exercer a prática do questionar torna possível a percepção das contradições do movimento e as próprias contradições. O depoimento de um dos entrevistados traz uma dimensão do processo de consciência a partir da sua visão de movimento social:

(...) não há nenhum movimento que atue sem uma direção e também não há um movimento sem povo sem base. O movimento de direção, de vanguarda tá ultrapassado. O movimento espontâneo também tá ultrapassado. Se a espontaneidade fizesse mudança, agente já tinha feito, o povo faria naturalmente. Então, por isso tem que equilibrar essas vertentes pra que tenha direção e haja de fato participação da base, do povo. (N. , MST)

Portanto, neste momento do processo de consciência o alienado é visto como o normal, e o indivíduo em conflito é isolado como se ele mesmo fosse a contradição, e não expressão dessa, além de ser culpado por sua existência. O indivíduo que vivencia estas contradições pode tomar muitos caminhos. Pode retornar a etapas anteriores, como a revolta, ou até mesmo a alienação. No entanto, a passagem pela consciência de classe deixa marcas que vão exercer influenciar ações ao longo da vida social.

Através das atividades de formação cria-se também a possibilidade de que os militantes, mais do que se identificar pela vivência de condições semelhantes, também elaborem processos que permitam a construção de uma cultura contra-hegemônica (Sudano, 2008:107). A reflexão sobre a realidade se torna então um mecanismo necessário para a transformação das relações sociais. O acesso a estes conteúdos é percebido pelos participantes do curso de forma positiva:

(...)Na questão mais, vamos dizer assim, de militante, de organização, dos trabalhadores como um todos, também ele contribui. Porque a gente procura repassar nas atividades formativas, que nós fazemos tanto com a nossa categoria como com os movimentos sociais, onde a gente tem feito o trabalho,...(M.J. , Consulta Popular / Movimento Sindical)

Positivo no sentido assim da, da gente tá num espaço público né, conquistado por nós, trabalhadores né, os movimentos sociais tá aqui garantindo a nossa participação na universidade pública é, isso é muito positivo, e a integração com outros movimentos sociais né, e a relação com a faculdade é muito positivo também, e o conhecimento adquirido... (C. , MST)

No depoimento acima, a trabalhadora destaca a relevância do curso, sobretudo pelo fato de que este se realiza em um espaço público e seja fruto de uma

demanda de um movimento social. Tal relevância fica mais evidente ao considerarmos que este espaço público também tem sido um mecanismo de reprodução da ideologia dominante, e a democratização das universidades para estes experimentos educativos representa a vontade de alguns sujeitos em transformar estes espaços em um campo para elaboração de novos sentidos para a vida social.

Outro aspecto verificado a partir do relato dos trabalhadores sobre este experimento formativo está relacionado ao processo de conhecimento desenvolvido no interior do Curso Teorias Sociais e Produção de Conhecimento. Cada sujeito presente vivenciou este percurso de diferentes formas, determinadas seja pelas experiências anteriores de outros trabalhos de formação ou especialização, ou pela forma individual de vivenciar este processo a partir de sua própria visão de mundo. Ou seja, este processo de conhecimento se conformou também em uma construção subjetiva, exemplificada na fala dos trabalhadores:

(...) A grade aqui como extensão e conteúdos e como uma reflexão profunda dos conteúdos é muito mais elevado do que o curso de especialização que já fiz. Por isso, quanto ao nível, às vezes, algumas pessoas tem dificuldade de acompanhar, até pela escolaridade que se tem, mas é um debate de fato. Não é um erro do curso, foi um erro dos Estados indicar os militantes que não tinha condições de acompanhar...(N. , MST)

(...) os autores clássicos você tem que ter uma leitura, tem que ter uma apreensão muito grande, isso dá de certa forma uma tensão né, um desgaste, um cansaço muito grande. Agora eu não diria assim uma dificuldade em entender os conteúdos, eu acho que não. A dificuldade é você absorver o volume de conteúdo, em poucos dias né, que é dado.. (M.J. , Consulta Popular / Movimento Sindical).

Estes depoimentos revelam que estas experiências de formação, além tornar possível o acesso a conteúdos que permitam a compreensão da prática política, também fornecem insumos para refletir sobre a realidade. Por esta razão, o trabalho de formação do curso a partir dessa apropriação de conhecimento propiciou um sentido à ação política.

As entrevistas utilizadas na elaboração deste trabalho trazem as opiniões de militantes de um movimento do campo, e de um militante de um movimento urbano. A importância destes experimentos formativos se destaca também por serem espaços que aglutinam diferentes movimentos sociais, sejam urbanos e rurais, na perspectiva de ser um espaço de classe que possa justamente trazer essa união a partir de objetivos comuns.

Dessa feita, a formação humana e política aqui considerada está associada a um determinado tipo de ação educativa e política, voltada para a constituição de uma nova forma organizativa a vida social, na contra-corrente de uma outra concepção – também educativa e política – que trafega num sentido radicalmente oposto, vinculado à adaptação dos trabalhadores ao desenvolvimento capitalista. A adoção desta concepção instituinte supõe a elaboração crítica da organização societária conformada sob o capital, e portanto a negação de sua permanência e naturalização. (Silveira, Soares e Farage; 2007:12)

Levantar questionamentos, compreender a dinâmica da sociedade, trocar experiências, ter acesso à teoria crítica que dêem um sentido efetivo à prática política. Estes são apenas alguns dos muitos fatores verificados que destacam a relevância de experimentos formativos para movimentos sociais. Ampliam-se espaços que produzem novos valores e pensares, de forma a reconfigurar o sentido

de educação e acesso ao conhecimento, além de permitir a criação de uma nova cultura.

3.3 – Da experiência de elaborar sínteses e produzir um certo conhecimento

Os trabalhos finais elaborados pelos alunos e apresentados no término do curso traziam temas relacionados à realidade brasileira, a contextos particulares vivenciados pelos trabalhadores na sua militância cotidiana, recuperando seja reflexões de compreensão mais teórica, seja ainda expressões das singularidades dos movimentos em alguns estados do país. Notou-se que alguns trabalhadores se sentiram intimidados com a idéia de apresentar um trabalho final, fator que não dificultou que fossem elaborados trabalhos muito ricos e com amplas discussões pertinentes sobre a luta dos trabalhadores.

Fornecer elementos que desvendem a realidade neste contexto se faz um dos pontos centrais nos trabalhos formativos. Desta forma, os professores que ministraram diversas disciplinas no curso trabalharam voltados para um pensamento crítico da realidade, na seleção dos autores, na consideração de dimensões históricas e políticas, e buscaram apresentar os conteúdos teóricos de forma a provocar uma reflexão da sociedade atual.

Este processo também se refletiu na elaboração dos trabalhos finais. Estes contavam com organização prévia de linhas investigativas no interior das quais os temas dos alunos se vinculavam. As linhas de investigação utilizadas foram as de Cultura e Consciência de Classe, Trabalho, Estado e Lutas Sociais, Filosofia da Práxis, Atualidade do capital e Teoria da Revolução – Se constituíram também

enquanto espaço coletivo que referenciava o debate e reflexão de seus membros, mediados pelos temas de cada um, essencial para o processo de produção de conhecimento dos trabalhadores, pois conforme afirma o próprio nome do curso, uma das propostas desta iniciativa formativa é a construção de uma síntese dos trabalhadores que possa articular as categorias teóricas desenvolvidas no curso com os elementos que se aproximam da realidade destes sujeitos.

Estes trabalhos foram orientados coletivamente em um primeiro momento, e individualmente após a escolha dos temas de cada aluno, de acordo com as linhas de investigação, por professores e alunos do mestrado e doutorado da Escola de Serviço Social. Os trabalhos finais foram apresentados a partir destas linhas de pesquisa, e ao final da exposição de cada linha, abre-se o debate entre o grupo, seguido de observações dos professores- orientadores e demais professores que queiram dar uma contribuição neste momento de socialização.

Os experimentos de formação política são sobretudo propiciadores de formação de novos sujeitos. Implicam elaboração sobre a própria vida e a realidade, fornecendo elementos para desconstruir valores da lógica hegemônica introjetados, possibilitando a reconstrução da própria personalidade dos trabalhadores, transitando do senso comum para a construção de uma nova cultura, sendo um espaço para produção de novos processos de subjetivação.

]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sempre questioneei qual a grande funcionalidade de ingressar na universidade. Será que devemos nos formar em determinada profissão, passando quatro anos na universidade apenas para nos inserirmos no mercado de trabalho? Ou será que esta passagem pela academia seria uma oportunidade de nos transformarmos enquanto pessoa, de obter um aprendizado que não está apenas nos livros, que não está em nenhum manual?

Posso dizer, principalmente hoje que termino esta etapa, que esta passagem pela universidade trouxe mudanças significativas na minha visão de mundo. Parte destas mudanças foi propiciada por relações mantidas com sujeitos que buscam uma outra sociedade, através da construção de novas racionalidades. Tive a oportunidade neste período, além de participar do projeto de pesquisa e extensão mencionado no decorrer deste trabalho, ter tido a chance de participar também de uma experiência de estágio com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, experiência muito importante, primeiro por significar uma aproximação do Serviço Social com os movimentos sociais, e em segundo, por ser mais uma possibilidade de aprimorar minha formação política e pessoal através desta interação.

Considero que estes tipos de iniciativas, e me refiro tanto a iniciativa da universidade pública em acolher um curso de trabalhadores - o Curso Teorias Sociais e Produção de Conhecimento - quanto a experiência de estágio da Escola de Serviço Social em parceria com o MST-, uma maneira de manter a formação acadêmica vinculada a questões sociais da sociedade contemporânea, entre as quais se inscrevem os movimentos sociais, intercâmbio relevante para os futuros assistentes sociais que pretendem ter a sua prática profissional vinculada a processos de transformação social. Desta forma, os componentes teóricos aprendidos em sala de aula podem ser compreendidos e fundamentados, garantindo a efetivação do conhecimento e fornecendo um retorno à sociedade e a grupos sociais que fizeram e fazem parte deste processo.

Este contato com movimentos sociais durante esta jornada acadêmica através de duas diferentes vertentes também me possibilitou observar algumas contradições no MST. Por exemplo, de um lado temos um trabalho de formação muito efetivo para as lideranças do movimento, verificado através do curso Teorias Sociais, e ao mesmo tempo as bases apresentam limitações no sentido de vincular a prática política a transformações societárias muito mais amplas, fato observado pela experiência do estágio.

Ainda assim, cada um destes sujeitos com os quais pude ter um contato ainda que pequeno, me trouxe uma grande contribuição na forma de construir um novo sentido à minha formação acadêmica e pessoal. Participar do projeto de extensão vinculado ao Curso Teorias Sociais me permitiu reconhecer a importância da apreensão teórica para dar um sentido à minha existência, qualificando também a minha prática política, fator que já havia verificado de forma direta por outras

experiências pessoais de participação em movimentos sociais. Por esta razão, a participação no projeto também se transformou em participação nesta experiência formativa desenvolvida no interior da UFRJ, não só na observação da experiência e contato com os militantes, mas também pela possibilidade de apreender os conteúdos trabalhados para servirem como referenciais mais amplos na minha vida pessoal e profissional.

Neste sentido, considero que a ampliação destas experiências de formação representam avanços na luta por outra sociedade, o que pude comprovar seja pelo que pude observar e vivenciar, mas também a partir do relato dos próprios militantes que participaram do curso. Experimentos formativos criam um espaço para construir novas relações sociais, levantar questionamentos sobre o instituído, compreender a realidade e seus processos históricos. E pessoalmente, na qualidade de assistente social, acredito que estas iniciativas, a experiência do estágio com o MST e o curso, contribuem para a efetivação do projeto ético-político da categoria, na medida em que traz para o interior da formação profissional as questões pertinentes a uma outra sociabilidade. E para a universidade em geral, a possibilidade do exercício da função social, democratizando o seu conhecimento para segmentos sociais dele apartados.

REFERÊNCIAS

CASSAB, M. A. T. *Jovens Pobres e o futuro: a construção da subjetividade na instabilidade e incerteza*. Niterói: Intertexto, 2001.

CHAUÍ, M. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Editora Moderna, 1981.

DOIMO, A. N. *A vez e a voz do Popular: Movimentos Sociais e participação política no Brasil pós-70*. Rio de Janeiro: Anpocs, Relume Dumará, 1995.

GRAMSCI, A. *Concepção Dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

GUERRA, Y, de *et al.* O debate contemporâneo da Questão Social. In *Revista Praia Vermelha* nº12, primeiro semestre de 2005.

IASI, M.L. *Processo de consciência*. São Paulo: CPV, 2º ed. 2001

_____. *Ensaio sobre consciência e emancipação*. São Paulo: Expressão popular, 2007.

LARANGEIRA, S. M.G. (org.) "Classes e Movimentos Sociais na América Latina: Questões para Debate" In: *Classes e Movimentos Sociais na América Latina*. São Paulo: Hucitec, 1990.

MAÇANTI, M.P. *Apreensão de Letras e de vida: Histórias de sujeitos-alfabetizando da maré*. Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação da Escola de Serviço Social da UFRJ: 2006

MARRO, K. “ Movimentos Sociais Contemporâneos da América Latina: algumas reflexões sobre a subjetividade militante empenhada na construção de uma nova sociabilidade”. In: *Seminário Sociedade Contemporânea, cultura e processos de subjetivação – Desafios postos para uma Nova Sociabilidade.* : Maria Lídia Souza da Silveira. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Centro de Filosofias e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação da Escola de Serviço Social. Rio de Janeiro, 2007.

MARRO, K; *de et al.* Universidade Pública e Movimentos Sociais – Reflexões Sobre experiências de formação com o MST. In *Atas do Seminário de Integração Acadêmica do Centro de Filosofias e Ciências Humanas*, Rio de Janeiro: CFCH, 2006.

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. *Caderno de Educação* nº 8. São Paulo, 1999.

NETO, L. B. *Sem-Terra Aprende e Ensina – Estudo sobre as Práticas Educativas do Movimento dos Trabalhadores Rurais.* Coleção Polêmicas do Nosso Tempo. São Paulo: Editora Autores Associados, 1998.

ORTIZ, F.G. *Serviço Social e contemporaneidade – Possibilidades e riscos para o projeto profissional.* Programa de Pós-graduação em Serviço Social, ESS/UFRJ, 2004.

PEREIRA, C. *Invasão na Universidade: A última do MST: Cursos exclusivos em faculdades públicas – com o auxílio do governo.* In Revista Veja, edição 2028, ano 40, nº 39, páginas 72 e 73, outubro de 2007.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal.* Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 11ª ed., 2004.

SILVEIRA, M.L. S. A importância dos processos de formação política no interior de práticas junto a movimentos sociais. In *Atas do Seminário de Integração Acadêmica do Centro de Filosofias e Ciências Humanas*, Rio de Janeiro: CFCH, 2006.

_____ “Produção de Sujeitos, Apassivação de Campos Coletivos e constituição de Horizontes Emancipatórios” In: *Ética, Política e Emancipação Humana – Revista Presença Ética*, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UFPE, ano II, novembro de 2002.

_____ Documento interno. UFRJ, RJ, 2006, mimeo.

SILVEIRA, M. L. S., SOARES, M. R. P., e FARAGE, E. J. “A importância dos processos de formação humana e política no interior das práticas dos movimentos sociais”. In *VII Congresso Argentino-Chileno de Estudos Históricos e Integración Cultural.* Argentina, 2007.

SUDANO, S. *Subjetividades em Movimento: Movimentos Sociais e Processos de Formação Humana*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Serviço Social da Escola de Serviço Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, agosto de 2008.

ANEXOS

Roteiro de Observação para I etapa:

- Número de participantes;
- Expectativas dos alunos;
- Nível de participação da turma: perguntas, comentários, silêncio;
- Cultura: diferenças entre as culturas regionais, as místicas, etc;
- Relação social: a articulação entre os participantes;
- Comida: organização, pratos típicos (se houver)
- Observação das perguntas e comentários articulados ao cotidiano de vida deles, e a relação da luta imediata com um projeto de mudança social.

Roteiro de observação para III e IV etapa:

- Número de participantes;

- Se houve desistência (averiguar a causa);
- O comportamento dos participantes em sala de aula;
- Observação da perguntas;
- Relação social: articulação entre eles;
- Observação dos trabalhos: a práxis contida nos temas escolhidos; e o aproveitamento.

Entrevista:

- 1- Nome / Movimento;
- 2 –Se está gostando do curso;
- 3 - Qual o conteúdo que mais gostou ou se identificou;
- 4- Como está sendo o acompanhamento do curso (Se está sentindo dificuldade de acompanhar os temas abordados durante o curso);
- 5- Quais as expectativas em relação ao curso;
- 6- Sobre as experiências de participação nos movimentos;
- 7- Há contribuição do curso para a militância?











